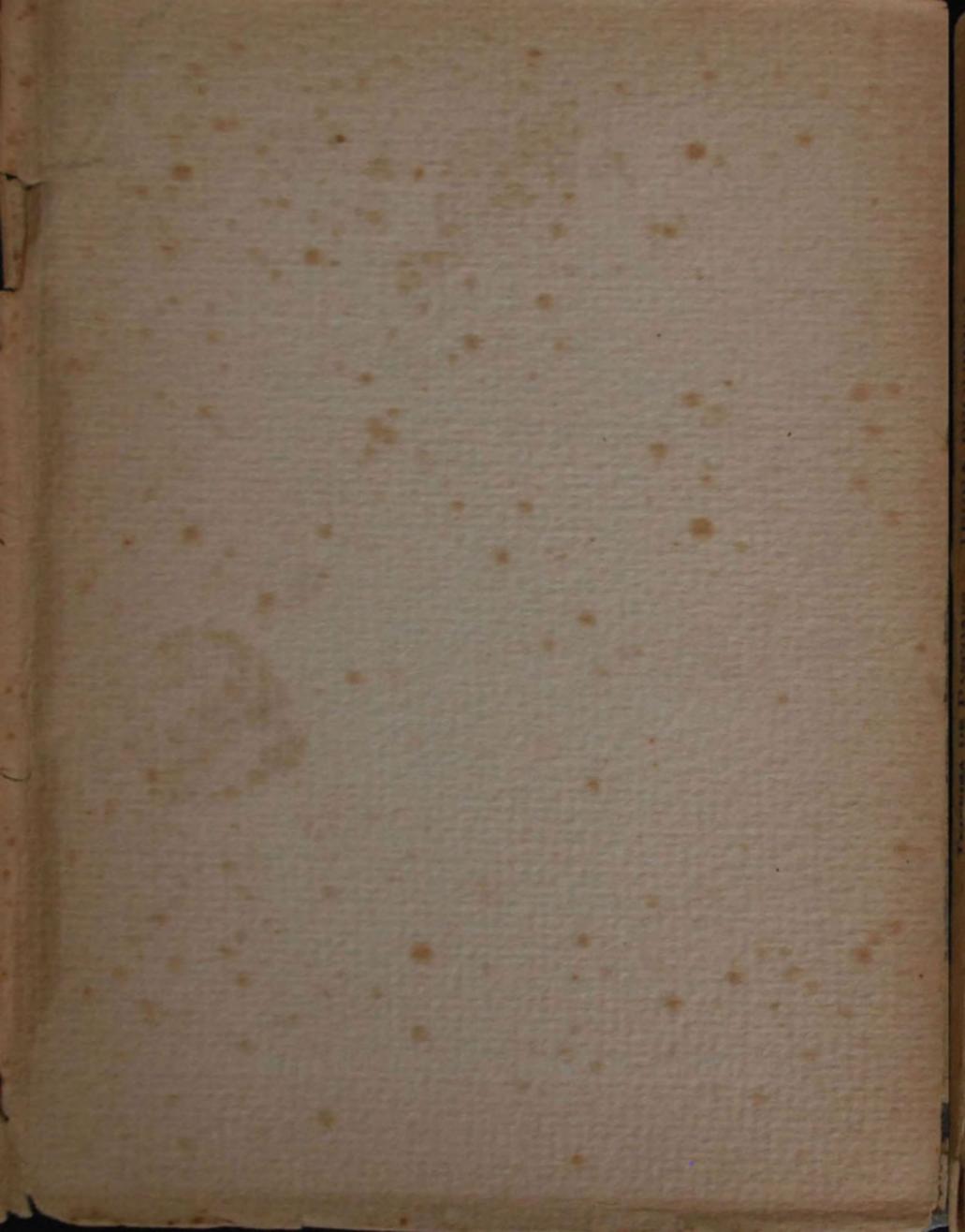


TEIXEIRA DE PASCOAES

TERRA  
PROHIBIDA

2.ª EDIÇÃO

EDIÇÃO DA «RENASCENÇA PORTUGUESA» — PORTO





Direitos reservados

TERRA PROHIBIDA

## DO AUTOR

- Sempre—1897  
Terra Prohibida—1897  
Sempre (2.<sup>a</sup> edição)—1902  
Jesus e Pan—1903  
Para a Luz—1904  
Vida Etherea—1906  
As Sombras—1907  
Senhora da Noite—1909  
Marános—1911  
Regresso ao Paraíso—1912  
O Espírito Lusitano ou o Saudosismo—1912  
O Doido e a Morte—1913  
Elegias—1913  
O Genio Português—1913  
Verbo Escuro—1914  
Era Lusíada—1914  
Sempre (3.<sup>a</sup> edição)—1915  
Arte de ser Português—1915  
Miss Cavell (fóra do mercado)—1915  
A Beira num Relampago—1916.

OBRAS COMPLETAS DE TEIXEIRA DE PASCOAES

---

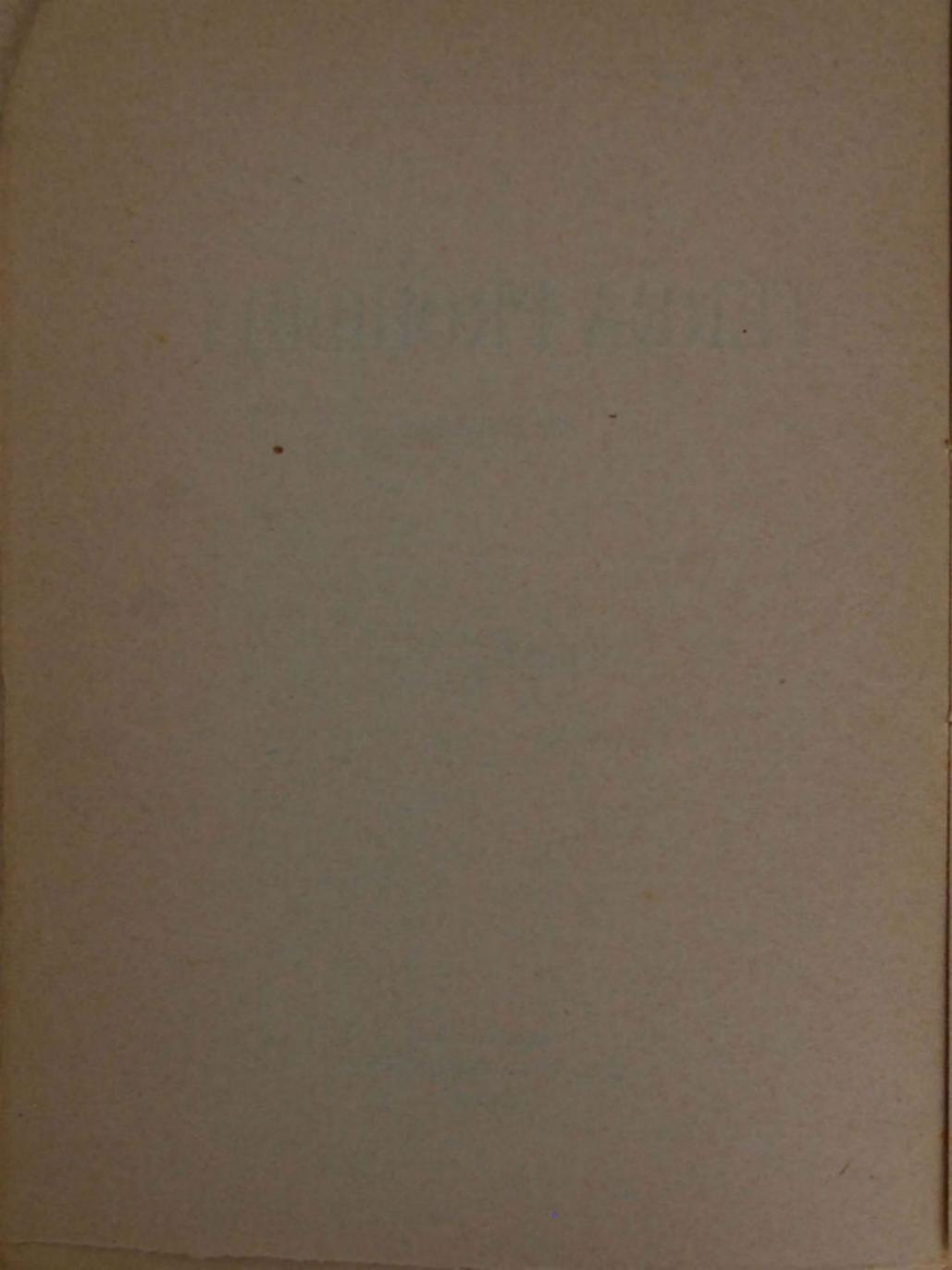
II

# TERRA PROHIBIDA

(2.ª EDIÇÃO)



EDIÇÃO DA  
«RENASCENÇA PORTUGUESA»  
PORTO



*ÀS DUAS MARIASINHAS*

*São para vós, meus amôres,  
Estas flôres  
Do meu outomno . . .  
Pobres flôres desbotadas  
Pelas brumas lacrimosas  
Das manhãs misteriosas  
De frio e somno.  
Suas pétalas geladas  
De brancura,  
Alvejam na noite escura  
Em que me afundo,  
Quaes brancas mãos dizendo adeus ao mundo . . .*



## CANÇÃO CREPUSCULAR

N'um ai  
De tristeza e solidão,  
Sobre o nosso coração,  
A tarde cáe.

Pia o môcho;  
Sobe o fumo dos tugurios  
No ceu rôxo . . .  
A sombra exhala murmurios,  
Suspira luz.

Ao longo de êrmos caminhos  
Passam vozes a rezar:  
São velhinhos, pobresinhos,  
São phantasmas de Jesus.

Nervoso, aéreo arrepio,  
Mais sombrio,  
Que faz mêdo,  
Põe tremuras no arvoredos.  
Choram Trindades no ar...  
Cinza esparsa em aureas chuvas  
Molha as cousas...  
E nos longes doloridos,  
Incendidos,  
Erram vultos de viúvas,  
Saudades misteriosas...

Que magua d'alem do mundo  
Tudo ensombra!  
A paisagem que era inerte,  
Se liquefaz e converte  
N'um mar profundo  
De sombra.

Quando a tarde vem dos céus,  
Rezemos então a Deus  
A nossa melancolia:  
Este vago sentimento  
De abandono e sofrimento  
Que o nosso sêr anuvia...  
E, todo enevoadado, scisma,  
E no seu nada se abisma...

Na tristeza da paisagem,  
Elevemos nossa imagem  
Comovida...  
Rezemos a morte e a vida;  
Rezemos a nossa dôr:  
Esta penumbra que cresce  
Dentro de nós, e escurece  
Todo o mundo em derredor...

E como rezam as fontes,  
Pelos montes,  
O seu rosario sem fim  
De contas de agua,  
Rezemos a nossa magua...

Deus ha de vê-la  
E soffrê-la;  
Com Deus serêmos assim . . .  
Quando a tarde virginal  
É rosa de oiro espectral  
A definhar na penumbra . . .  
Quando o espectro de Jesus  
Em êrma Cruz,  
Sobre o mundo se alevanta,  
E o negro mundo se espanta  
E se deslumbra! . . .

## ADEUS!

As flôres, os rochedos e os pinhaes  
Sempre no mesmo sitio hão de existir...  
Só vós, ó grandes corações que amaes,  
Dizeis adeus, e tendes de partir!

(Da 1.<sup>a</sup> edição).

Adeus! Eu vou partir... Eis o destino!  
Para dizer adeus ao mundo vim.  
Um adeus me persegue de menino;  
Anda na minha sombra, vive em mim.

Sou sempiterno adeus! Vou-me encarnando  
Nas formas do meu proprio padecer...  
Desgrenhadas figuras soluçando,  
Dizem-se adeus nos longes do meu sêr!

As lagrimas que choram, são aquelas  
Que enchem meus olhos de agua e de ternura...  
O lagrimas subindo! Dentro delas  
Vae para Deus o mundo e a creatura!

N'esta hora sempiterna da partida,  
Tudo te deixo; nada vae comigo...  
Na nossa aldeia fica a minha vida;  
Sem que tu saibas, viverá contigo!

Eu hei de estar presente em cada coisa  
Humilde que tu vejas, porque eu sou  
A pobresinha sombra misteriosa  
D'essa terra natal que nos criou.

O carro vae andando... Adeus, adeus!  
Tua figura é morta na distancia,  
Longe de mim, quem sabe? ao pé de Deus  
Ou nos braços em flôr da minha infancia...

De longe, se confunde a minha aldeia  
Com as nuvens, além dos horizontes...  
D'ela me fala a triste lua cheia,  
Que em seu alvôr negrejam êrmos montes.

Longe de mim, teu vulto imaculado,  
Como esculpido em branda e etérea magua,  
De suave e distante, é já sagrado,  
Ante os meus olhos de alma rasos de agua.

E vejo-te na dôr em que ficaste,  
Nas penumbras da tarde, ao vento agreste...  
Eu sei que muitas lagrimas choraste,  
Falou-me d'isso o lenço que me deste!

Perto do coração, sobre o meu peito,  
Trago-o como se fôra uma venéra.  
N'ele guardei um rôxo *amôr-perfeito*,  
Madeixas de oiro e uma folhinha de hera.

Recordo o teu perfil de claridade;  
Luares da tua imagem que desceram  
Aos meus olhos ceguinhos de saudade  
Que apenas sabem ver o que perderam.

E vejo-te nos êrmos divagar,  
Cantando aquela tragica elegia  
De quem sósinho, á noite, no seu lar,  
Vê sombras, cousas mortas, cinza fria . . .

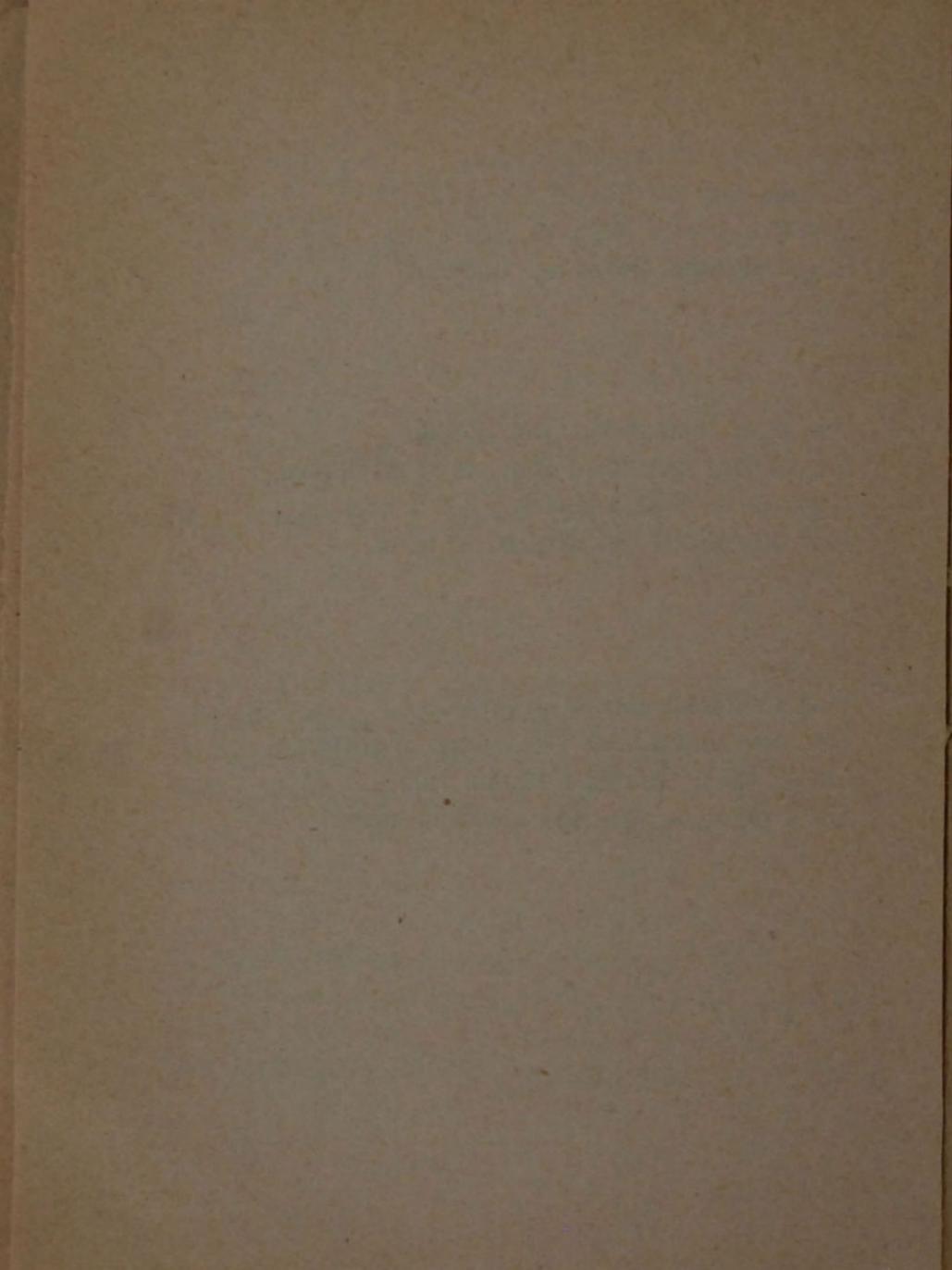
E as aves inocentes, que a ternura  
Veste de etéreas azas, pelo espaço,  
Ouvindo os teus cantares de amargura,  
Mortas, virão cair no teu regaço.

Eu vejo-te, soffrendo . . . A minha dôr  
Lembra a imagem vivente do teu rôsto.  
Soffrer é ser contigo, eterna Flôr,  
Que deste vida eterna ao meu desgôsto.

Agora viverei de tudo quanto  
É mais que tua angelica presença;  
Isso que no teu sêr é já meu canto  
E em lagrima divina se condensa.

Por aqui, meu Amôr, irei vivendo  
Da sombra que teu vulto, em mim, deixou,  
Quando te disse adeus e o sol morrendo  
Nos teus olhos tão negros! se ficou...

Viverei d'uma eterna Despedida,  
Por esse mundo, ao Deus-dará da sorte;  
Longe de ti, que és a minha vida,  
Perto de mim, que sou a minha morte!



## ELEGIA

Divago em êrmo outeiro;  
A noite se avisinha;  
Azas negras de agouro  
Esvoaçam misteriosas...  
Rebôa em aurea voz  
Nas brumas da tardinha,  
Aquele adeus que o sol  
Morrendo diz ás cousas...

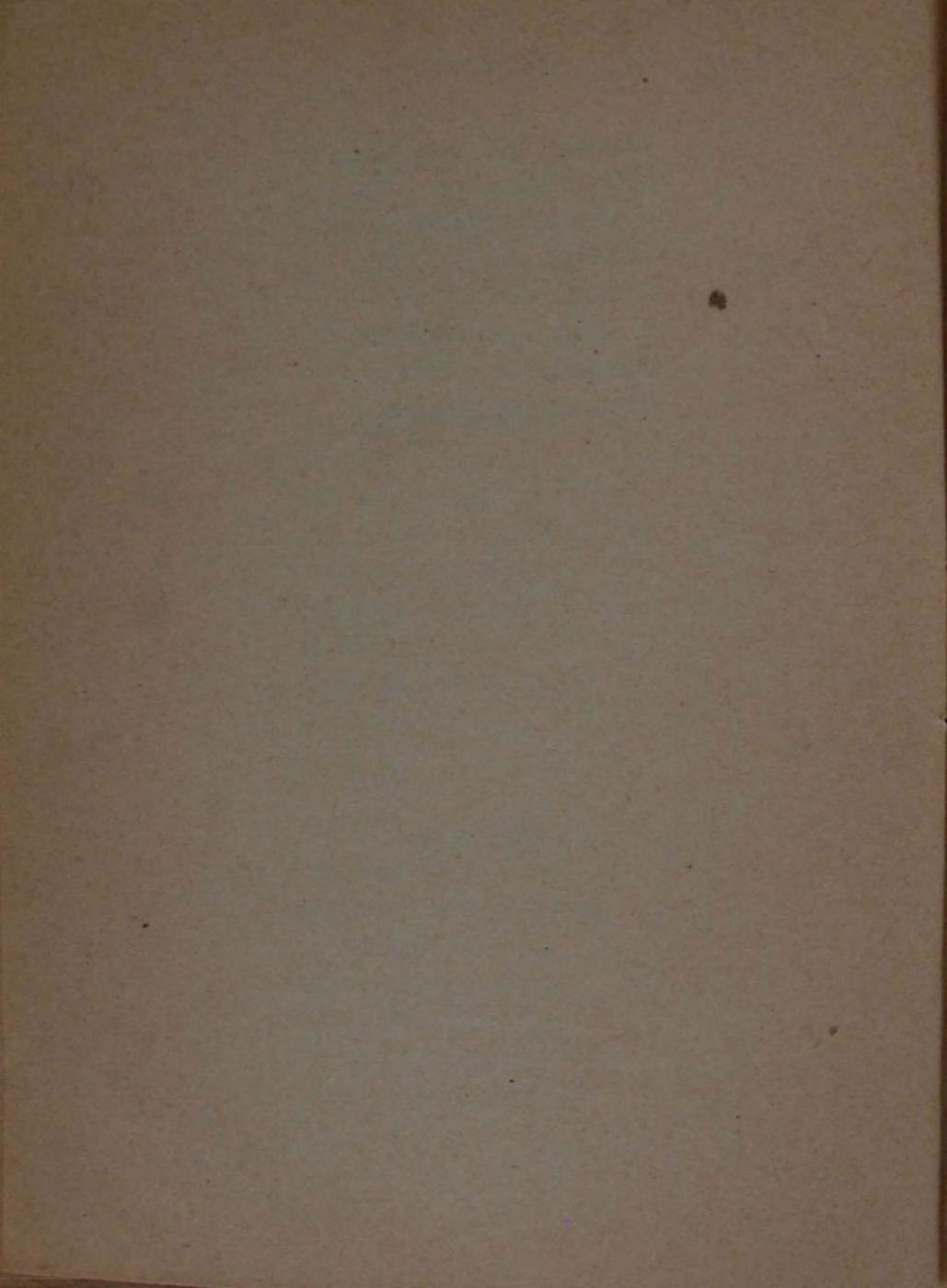
No silencio espectral,  
Escura flôr a abrir,  
O meu sêr se prolonga  
E abraça a minha infancia;

E beija deslumbrado  
A estrela que, a sorrir,  
Põe um signal de luz  
No extremo da Distancia.

Sósinho, entregue a mim,  
Divago, meditando  
Na Magua que me trouxe  
Ao mundo... E fico triste  
Ao vêr a tua clara  
Imagem palpitando  
À flôr, sequinha já,  
De tudo quanto existe.

E sinto-me afogar  
Na lagrima que sou,  
Toda acêza por dentro,  
A refulgir a estrela  
Em que teu coração  
Outrora se abraçou,  
Quando sombra se fez  
Teu vulto de donzela.

Comtigo vae minh'alma  
Enamorada... e canta  
Se ás horas da tardinha  
Esvoaça, em palidez,  
Cantiga de saudade  
E longe que, uma vez,  
Me ficou sepultada  
E morta na garganta...



## CANÇÃO TRISTE

E na tristeza palida da ausencia  
Meu pobre coração fica a chorar...

*(As Sombras).*

Melancolia...  
Vulto esparso de mulher  
Anda na minha alegria  
A padecer.

Anjo de dôr encoberto,  
Errando n'esse deserto  
Que é meu sêr indefinido  
E já perdido

Entre as nuvens da Distancia,  
Onde Deus traz pela mão  
Cheia de alma e coração,  
A minha infância!

Donzela da minha dôr...

Perfil de flôr

Ou de lagrima sorrindo

Sorriso que não é d'ela,

Porque lhe vem d'uma estrela...

Sorriso etéreo caindo

D'essa altura,

Onde ergue a fronte nublosa,

De encontro á Luz increada,

A noite escura.

Ó Tristeza bem amada!

Rôxo lírio, branca rosa,

Sempre me lembro de ti;

D'essas horas que eu vivi

Á sombra da tua graça,

Que esvoaça

Sobre a terra em que descança

Meu cadaver de creança.

Fria campa de abandono  
Que eu visito meditando  
E soluçando  
Nas tardes róxas de outomno,  
Ao vento agreste e gemente  
Que sopra as cinzas do poente.

| Ó Tristeza, que és presença  
Indefinida . . .  
Marmor desfeito em luar;  
Nevoa astral que se condensa  
Em branca estatua com vida,  
N'esse Além,  
D'onde nos vem  
A Inspiração a cantar.

Dôce e mística Tristeza  
Que por mim baixinho reza  
E que suspira . . .  
E suspirando, de leve,  
Faz vibrar a minha lira  
Que se dispersa no ceu . . .  
E é nuvem que escureceu

De em si trazer  
Tanto relampago a arder  
E tanta neve!

Ó Tristeza mais que triste!  
Meu sol-pôsto...  
Lembrança d'um Bem que existe,  
Longe de mim, não sei onde...  
Aquela Voz que responde  
Ao meu desejo;  
Esse infindo e etéreo Beijo  
Que paira sobre o teu rôsto...

Meu desejo; borboleta  
Êrma e preta;  
Alma triste de viuva...  
Em dias negros de chuva,  
Pousa as azas luctuosas  
Nas vidraças lacrimosas  
Das janelas...  
E sonha voar, voar...  
Subir até se queimar  
Nas estrelas...

Ó Tristeza! Etérea Magua  
Virginal,  
D'uma beleza outomnal...  
Olhos negros cheios de agua...  
Longa trança em ondas de ouro  
Que me vestem de ternura,  
Quando choro...  
Êrma face luarenta,  
N'um veu de sêda cinzenta:  
Um crepusculo em figura...  
Minha Flôr que eu visiono...  
E logo treme e fenece...  
Tão formosa, amarelece,  
Porque, ai de mim, sou o outomno!

Ó Tristeza, minha flôr,  
E meu amôr,  
Que, de longe, me seduzes  
E orvalhas meu coração:  
Terra esteril, solidão  
Cheia de cruces.

Vem, Tristeza! Eu te conheço,  
Doido encanto!

Se te presinto, amanheço,  
Em ouro e rosa me espalho  
N'esse orvalho •  
Que é meu pranto.

Sei quem és, minha Tristeza!  
Tua voz que sempre reza,  
Sempre me fala de ti...  
Revela-me o teu segrêdo,  
Os teus sonhos misteriosos:  
Aéreos bosques brumosos,  
Entre os quaes, doido de mêdo,  
Me perdi!...  
E puz-me então a cantar,  
N'esta êrma noite que eu sou  
E que não posso dormir...  
Sem saber para onde vou,  
Ando por mim a chamar  
E ando a fugir...  
Ando perdido na bruma  
Dos teus sonhos... Nem me vejo!  
Morro de imortal desejo!  
Sou presença que se esfuma  
Ou corpo que a terra come,

Emquanto a brisa outomnal,  
Frio halito mortal,  
Espalha maguas sem nome;  
Gemidos negros de agouro,  
Sons finados, bronzeo chôro ...

Nos teus sonhos vou sonhando ...  
Sou imagem deslizando  
À flôr d'um rio sem fundo ...  
Sou imagem reflectida  
N'este mundo ...  
Procuro o corpo divino  
Que me envia; a realidade  
Que, em mim, se fez ilusão,  
Sombra errante do Destino ...  
Procuro aquela Esperança  
Que já triste e arrefecida,  
Modelou meu coração  
Em materia de saudade  
E de lembrança ...  
Nos meus sonhos te procuro,  
Como quem vae pelo escuro,  
A tactear, a tremer ...  
Só em ti encontraria

Aquela antiga alegria  
Verdadeira;  
A luz primeira...  
Quem te pudéra prender  
N'um doido abraço!  
E dormir no teu regaço...  
Ah, quem mil beijos te déra  
N'essa face!  
Quando o sol cantando nasce  
E anda alegre pelos montes;  
E feito humilde sorriso,  
Ilumina um paraíso  
Dentro do choro das fontes...

Ó Tristeza, bem quizera  
Vêr teu vulto delicado  
Ao pé de mim;  
Como outrora,  
Nas manhãs do meu Passado,  
Via andar no meu jardim,  
A bela Aurora...

Vem, Tristeza religiosa,  
Sem receio...

Desce das nuvens do Além ...  
És o lírio, a estrela, a rosa,  
O manto da Virgem-Mãe,  
O sol que a Dôr traz no seio.

Vem Tristeza, que é já tarde!  
O poente é um cirio que arde  
Entre pinhaes ...  
Sobe o fumo dos casaes;  
E os toques da Avé Maria  
Morrem de melancolia  
Nos longes da minha magua,  
Brumosos, quaes longes de agua.

Vem a mim! Quero-te vêr,  
Embora seja morrer  
Pousar meus labios nos teus.  
Vem a mim, que a minha vida  
Em ti será renascida,  
Além dos ceus.



## UM DOS MEUS DIAS

Dia triste de inverno. Que amargura  
A d'esta claridade fria e baça!  
Aos meus olhos as cousas desfigura;  
Não ha linha gentil que não desfaça.  
O meigo azul do ceu ela tortura  
E a côr lilaz dos montes ameaça;  
Desbota o mimo tenro da verdura  
E a cada flôr lhe despe a etérea graça.  
Êrmo poeta de genio, o doido vento  
Vae recitando versos desvairados  
De estranha dôr e ignoto sentimento,  
Às arvores da terra, aos escarpados  
Rochedos que phantastico tormento  
Pelos montes deixou petrificados.

## A MINHA VIDA

Na minha aldeia vive recolhida,  
Entre sonhos phantasticos, diversos,  
Esta luz de alma outrora amanhecida  
Que fez, morrendo, a noite dos meus versos.  
Quando a tarde aparece comovida,  
E vejo os astros pelo Azul dispersos,  
Muitas lagrimas tristes, de fugida,  
Vêm constelar meus olhos de Universos.  
Eu vivo n'estes vales, n'estes montes,  
Que são de longe escuros horizontes;  
Distancias d'onde sobe etérea prece...  
Vivo cantando a dôr misteriosa  
Que amortalha em silencio cada cousa  
E que meu frio rôsto empalidece.

## A UMA FONTE QUE SECOU

Com teus brandos murmurios embalaste  
Os minutos dos meus primeiros dias.  
E pelos teus gemidos os contaste;  
Eu era então feliz e tu sofrias.  
As minhas velhas árvores regaste,  
O meu jardim ao sol reverdecias ...  
E quando as tuas lagrimas choraste,  
Como a dôr que hoje soffro, entenderias!  
Mas, ai, tudo mudou! Sêca estiagem  
Bebeu, a arder em febre, as tuas aguas;  
Versos de agua cantando a minha imagem ...  
Raios de sol que as fontes evaporam,  
Levando para Deus as suas maguas,  
Secae tambem os olhos dos que choram!

## MEU CORAÇÃO

Na terra, uma semente pequenina  
Abre, ao sol, em sorrisos de verdura.  
E o rubro raio acêzo que fulmina,  
Rasga o seio da nuvem que é ternura...  
Ao longo de êrma e palida colina,  
Um doce fio de agua anda á procura  
De alguma rosa angelica e divina,  
Abandonada e morta de segura.  
Meu forte coração tambem nasceu  
Para crear cantando um novo ceu...  
Ninguem lhe entende a mistica harmonia!  
( Lembra remota estrela desmaiada  
Que mal se vê na abóbada azulada,  
Mas para um outro mundo, é grande dia.

## A MINHA HISTORIA

(1877-1901)

Vinde ouvir a minha Historia,  
Ó arvor's da minha aldeia,  
Quando vem do Marão a lua cheia  
De fria luz marmórea . . .

São ramos murmurando, n'um lamento,  
Meus versos de abandono  
Que rimam com os ais que tem o vento . . .

Só vós entendereis aquele Outomno  
Que chora no meu canto . . .  
Dôr que suspira ineditos segrêdos;

A dôr que traz a noite no seu pranto,  
As nuvens e os penedos.  
A dôr-espectro, a minha Noiva misteriosa . . .  
Esse luto phantastico e sem fim  
Que sobre a verde terra esplendorosa,  
A minh'alma vestiu dentro de mim . . .

Em novembro nasci por uma tarde triste,  
Quando os sinos soluçam badaladas  
E lugubres mulheres desoladas,  
Com piedosas mãos, espalham flôres  
Sobre a fria poeira que ainda existe  
De sonhos e de amôres;  
Cinzas de almas perdidas no Além;  
Cinzas de odios que fôram vivo lume,  
Cinzas de Anjos subindo, n'um perfume,  
Cinzas de pobresinhos . . . de ninguem!

Nasci no dia eleito da Saudade,  
Quando o vulto spectral da Eternidade,  
Deante de nós, chimerico, se eleva,  
Com estrelas a rir na máscara de treva . . .  
E têm gestos absôrtos

Para os brancos sepulcros pensativos,  
Onde a tristeza em lagrimas dos vivos  
Beija a alegria toda em flôr dos mortos...

Nasci n'aquela tarde angustiosa e calma,  
Tôrva de nuvens e silencios de alma,  
Quando ha pálidas faces que se molham...  
E ha lirios, violetas, brancas rosas  
Que sobre o escuro tumular das lousas,  
Aos ventos se desfolham...  
E nos lividos marmores molhados,  
Se embebe de agua a sombra do cipreste...  
E nas ondas gementes do *nordeste*,  
Anda um fumo de cirios apagados...

Nasci ao pôr do sol dum dia de Novembro.  
O meu berço o crepusculo embalou...  
E até parece, ás vezes, que me lembro,  
Porque essa tarde triste, em mim, ficou...

Em mim, em mim, luz invisivel, arde  
O sol já moribundo d'essa tarde,

Com resplendôres divinos,  
Em longes de pinhaes, na minha aldeia . . .  
Luz turbada de lagrimas, tão triste!  
Dir-se-ha que um cirio eterno bruxuleia  
Entre os meus olhos de alma e tudo quanto existe...  
E ficou-me na voz como um dobrar de sinos.

Fui creança que scisma e brinca pelos montes.  
Bem cêdo me perdi  
Além d'aqueles êrmos horizontes  
Que cingem, n'um abraço, a terra onde eu nasci.  
Horizontes que, em mim, ficaram, desenhando  
Este intimo perfil que mostro a Deus rezando,  
E é feito de alma e terra e fragarêdos nus;  
Vales de sombra e pincaros de luz.  
E tudo me falava!  
E das cousas humildes se elevava  
Indefinida Imagem  
Que ante os meus olhos magos de creança,  
Tinha um perfeito e espiritual relêvo,  
Iluminada e vaga nitidez,  
No brumoso indeciso da paisagem . . .  
E para mim sorria, num enlêvo  
Divino, que é lembrança

Não sei de quem... Talvez de Deus... Talvez  
D'outra vida vivida em misteriosa estrela...

N'este mundo de espectros, cada sêr  
Um outro sêr revela...

Eu era a creança triste e alegre, sem saber...  
Ora desfalecida, ora exaltada;  
Ora, subindo em cantos de alvorada,  
Entre anjinhos de mística beleza...  
Ora, sob os meus pés, a terra me fugia;  
E alheado e somnambulo descia  
Nem sei a que funduras de tristeza...

Bem cêdo, de mim proprio me afastei!  
E, perdido de mim, por mim gritei!  
Gritei! Gritei! Ninguem me respondeu!  
Desde então, quem sou eu?  
Um phantasma de alguem,  
Uma vaga presença de ninguem;

Saudade a desenhar-se em busto moribundo...  
Êrma sombra que foge, perseguida  
Pelo primeiro sol da minha vida,  
E vae pedir asilo ás pobres cousas:  
Mortas recordações misteriosas  
Da passagem de Deus por este mundo...

Eternamente enfêrmo  
Fiquei, sósinho e pálido, n'este êrmo  
De negros bócos, lividos pinhaes...  
Montes com o retrato a sangue do sol-pôsto.  
Leirinhas sêcas pelo mez de agôsto,  
Onde estiolam ervas e os bois mugem,  
E oliveiras comidas de ferrugem  
Erguem, no ar, os braços espectraes,  
Mirrados de esqueleto,  
Onde as corujas cantam, no terror  
Do mundo que se vê todo de preto...

Fui creança que scisma... o lirio condoido  
Da propria sombra em flôr.  
Anjo que desce ouvindo a voz da Tentação  
E vê seu frio vulto anoitecido,

Com as azas de luz tocadas de penumbra,  
Difundir-se na treva que o deslumbra  
E ser, em volta d'ele, humana solidão...

E da minha inocência, branco altar,  
Eu via já meu sêr phantastico e disperso...  
Era a creança da altura do seu berço  
A fundura do tumulto a espreitar...

Eu era o condemnado  
Bem antes do peccado:  
O ante-remorso estranho de viver,  
Porque o supremo crime, o grão peccado, é ser!  
Ser, na verdade, alguém;  
Rasgar no muro negro do horizonte  
Uma nova janela sobre o Além...  
Acender nova prece no profundo  
Silencio d'este mundo;  
Templo velho, entre nuvens, indeciso...  
Ter a noite caida aos pés, o sol na frente,  
E despertar cantando as almas misteriosas  
Dos homens e das cousas...  
Ser o grito do dia do Juizo!

E entre as outras creanças, eu ficava  
Caido n'um silencio, e tinha medo  
Das sombras do arvoredó,  
E da lua espectral em seu perfil minguante  
E do meu coração precóce e delirante,  
Que era, fóra de mim, Alguem que me falava...  
Alguem que, em certas horas, me aparece;  
E, n'um gesto nocturno que arrefece,  
Espalha no meu rôsto a palidez inquieta  
Que é remorso fatal no peccador  
E que é divina inspiração no Poeta.

A chuva a cair, as lagrimas do vento,  
Folhas mortas doirando o nosso isolamento,  
Mendigos a rezar, phantasmas tão velhinhos!  
Aparições da Dôr...  
Charcos de lôdo ao longo dos caminhos  
A reflectir os ceus,  
Como em noss'alma escura esplende, ás vezes, Deus.  
Manhazinhas de nevoa, misteriosas,  
Quando desbotam no jardim as rosas  
E ha côres mortas, risos apagados...  
E ramos desfolhados...  
O outomno, essa tristeza  
Que, ao sol de Deus, deslumbra a Natureza

E no mar infinito do meu chôro,  
Acende poentes de ouro . . .  
O frio inverno  
Brumoso, côr de cinza, sempiterno . . .  
As rezas junto ao lar,  
A meia noite em lagrimas desfeita;  
Minha Avó já velhinha e trémula, a fiar,  
Os creados da casa e meu Avô falando . . .  
Historias de ladrões, de bruxas, quando  
O Mêdo livido e nocturno  
Pelas friestas do postigo espreita . . .  
E ébrios de sombra os cães á noite escura latem  
E aos doidos ventos n'um clamor soturno . . .  
E a luz piedosa e triste da candeia  
Que faz signaes à aragem penetrante  
E anciosa de fumo bruxuleia . . .  
E ha negras mãos phantasticas que batem  
Nos vidros das janelas . . .  
E ha depois um silencio inquietante . . .  
Era a noite velhinha, a errar na solidão,  
Que me vinha pedir pousada ao coração,  
E n'ele me deixou revelações, estrelas . . .

A Serra, alta maré de saibro e fraga,  
Onde presenti Deus pela primeira vez!

E, ao luar, o meu espirito divaga...  
E as aguas do meu Rio  
Tão verdes, pelo estio,  
A caminho do mar,  
As margens murmurando: Havemos de voltar  
Para o outomño, talvez...  
Os casebres de cõlmo,  
Á sombra emaranhada e secular do ôlmo...  
E, dentro, o defumado e velho preguiceiro,  
Onde velhinha Magua  
Reza orações, fiando... e se recorda...  
Antigo pardieiro,  
Onde o vento a sonhar, fala em voz alta e acorda.  
Lares onde entra o Tempo a escorrer agua...  
Janelas a bater... Que lugubre ruido  
De solidão e olvido!...  
Velhas Familias dispersadas!...  
As nobres gerações desfortunosas,  
De que restam sómente as casas arruinadas,  
Ao pé das quaes, de noite, ninguem passa,  
Que em seus êrmos salões o Mêdo êsvoaça  
E andam almas que voltam de saudosas...

Certas falas do povo,  
Tão cheias d'um sentido espiritual e novo!

Tão doiradas de sol, negras da noite escura!  
Tão directas e vivas!  
Que lembram vozes de almas primitivas,  
O proprio Verbo occulto da Natura!  
E as divinas cantigas das donzelas,  
Signos d'um novo Deus que se adivinha...  
Lagrimas despertando como estrelas,  
Na sombra já medrosa da noitinha...

Mêdos, visões, o luar, a luz do dia,  
O phantasma do tempo que passou,  
O Tamega, o Marão, vozes cantando o Amôr,  
Eis a estranha materia que formou  
Meu sêr que foi de pedra ante a Alegria,  
Cêra nas mãos da Dôr.

Chegou a idade de estudar...  
O profundo desgosto que senti,  
Deixando a minha aldeia,  
Tumultuosa dos annos que vivi!  
Com encantos, bruxedos, lua cheia,  
Mendigos a rezar;  
Velhas figuras na tardinha absôrtas...

Com êrmos ao luar e môchos a dar ais;  
Com rãs a coaxar em aguas mortas  
E um silencio a cair da rama dos pinhaes . . .  
Com lavouras em maio, ovelhas pelos montes,  
Com donzelas trazendo o cantaro das fontes,  
Com festas ao Senhor, canções de rouxinol,  
Com passarinhos, flôres, manhãs de sol! . . .

E tive de partir! dizer adeus a tudo!

Como quem da Alegria se desterra,  
Fui cabisbaixo e mudo  
Ao longo d'essa estrada,  
Por onde vão em tragica jornada,  
Tantas almas dizendo adeus á sua terra!

Primeiro adeus sem fim!  
Nasceu-me n'esse dia a sombra que projecto . . .  
Primeira radiação nocturna do esqueleto  
Que pela vez primeira nos abraça,  
E nos destróe assim  
O etéreo encanto, o mimo em flôr, a graça!

Bisonho e melancólico precóce;  
Enfêrmo da Saudade que me trouxe  
No ventre e me criou,  
E meu berço, com mãos de nevoas, embalou;  
Um perdido de mim, nas cousas abysmado,  
Perseguia-me sempre a sombra do Passado;  
A maguada imagem  
Do meu ninho natal de terra e flôres, — paisagem  
Que intimamente amava  
Com um profundo amôr que não falava!  
Ceguinho e interior deslumbramento,  
Em que se exalta e morre o pensamento!  
Bruto amôr que nos pesa e faz descer ao fundo  
Das almas e do mundo!  
E nos leva atravez da eterna indiferença  
Que sobre as formas mortas se condensa  
E lhes dá um relêvo, hostil, que fére  
A sensibilidade, a luz do nosso sêr,  
Tão viva e melindrosa,  
Tão acêza de dôr na noite misteriosa!

Eis o divino instante,  
Em que a noss'alma inquieta e madrugante,  
Se entrega, com paixão, à sua propria dôr...

Aquela Dôr mais velha do que nós,  
Tendo estrelas e lagrimas na voz  
E o pó da Via-lactea nos vestidos,  
E pregada no seio a noite, a imensa Flôr,  
Lirio negro a fulgir orvalhos incendiados...

Por isso, eu li então,  
Cheio de nova e estranha comoção,  
(Alvoroço primeiro!)  
Os versos de Camões e Bernardim Ribeiro...

Ó éclogas de dôr crepuscular!  
Pastorinhas de idílio, ovêlhas a pastar,  
Em outeiros de magua e nevoa, ao sol-poente...  
E os grandes bois pasmados,  
Fitando o ceu azul, saudosamente,  
Mugem tristezas de alma...  
A febre de viver, desfalecendo, acalma...  
E os desejos da carne ensanguentados  
Erguem palidas mãos e rezam na penumbra...  
A lua assoma ao longe... é face que descora

E, descorando, as árvores deslumbra  
E os pinheiraes enfermos...  
E a imagem de Menina e Moça, tão sósinha,  
Sobe á flôr maguada e rôxa da tardinha,  
Aparece nos êrmos...  
Olha em volta de si, põe-se a scismar... e chora.

Menina que encontrei depois, á luz do ceu...  
Relampago que tudo escureceu!  
Flôr murcha, n'um instante, em plena primavera!  
Flôr murcha á luz dos círios!  
Flôr sepultada em rosas, cravos, lírios,  
Fria, de olhos fechados, côr de cêra!  
Alma da minha alma falecida;  
Morte que, em mim, ficou a ser a minha vida!

Para Coimbra parti, depois, em certo dia  
De escurecido inverno,  
Doente de saudade e de melancolia...  
Deixei um lirio branco de ternura,  
A desfolhar-se n'um adeus eterno,  
Sobre uma pobresinha sepultura...

Em mim, já despontava, em êrmo sonho absôrto,  
Este espectro que sou e que me deixa ver,  
Em vida, á luz do sol, o que hei de ser,  
Em sombra, á luz do luar, depois de morto.

Em mim, quem se comove e canta, n'um delirio,  
Na palidez das mãos, trazendo um rôxo lirio,  
A trança desprendida e sobre o branco rôsto,  
Mais sombras e orações que as horas do sol-pôsto?...  
Ah, quem reza comigo à tarde e me abençôa?  
Quem me fala de amor e me perdôa?  
Quem é que nos meus sonhos me revela  
Misteriosa estrela:  
Riso que, de repente, me trespassa  
E deixa, em mim, fulgindo, etérea graça,  
Um rasto de oração por Deus ouvida,  
Um luar que me beija a alma adormecida?  
Quem me traz um noivado á minha viuvez?  
E nos meus olhos põe uns olhos de piedade?  
És tu, Amôr, Espectro, Divindade!  
És tu por quem eu sou... e sou porque tu és...

E que estranha impressão, ó Coimbra, me fizeste!

Creado em êrmos sítios de granito,  
Na vizinhança agreste  
E fria do Infinito...  
—Fiquei bem triste ao ver o mármore tumular  
Das tuas velhas casas, ao luar,  
N'uma paisagem dóce e anêmica, esboçando  
Sorrisos de verdura, junto de água...

O mais é medieva, etérea Magua  
Em coloridos campos alastrando...  
Ora, subindo em íngremes colinas,  
Que têm gestos velhinhos de ruínas...  
Ora, descendo em vales penumbrosos;  
Solidões verdejando êrmos pinhaes chorosos,  
Elegias de Deus...  
E do nascente ao poente, o Rio legendario,  
No crepusculo enfêrmo, é liquido sudario  
Com a efigie phantastica dos ceus...

E em todo o vago ambiente, á luz da aurora,  
Na sombra da tardinha,  
É vivo, como outrora,  
O phantasma de Ignez, vestido de Rainha...

Ignez, sobre o Mondego, é nevoa que fluctua  
E, pálida, esvoaça . . .

Espectro desgrenhado, em gritos e lamentos,  
Quando o *Choupal* delira, entregue aos seus tormentos!

De noite, á luz da lua,  
Nos êrmos olivêdos,  
É um zéfiro que passa;  
Vulto esvaído em múrmuros segrêdos . . .

E nas tardes de outubro,  
Quando o poente macerado e rubro,  
Põe gangrenas de morte e rôxos tons defuntos  
Nos salgueiros do rio, afflictos, todos juntos,  
—Vê-se o enterro de Ignez, phantastico, passar!  
Duas filas sem fim de luzes amarelas . . .  
E os sinos que ha no mundo, aos ventos, a dobrar  
E entre o luto do povo o chôro das donzelas! . . .

Coimbra é a lenda de Ignez, o luar, a evocação . . .  
A tristeza medieva, a sombra dos pinhaes;

O canto pastoril, Camões, a solidão,  
A elegia da terra em misteriosos ais...  
É Bernardim, é João de Deus e Anthero:  
O infinito mimo e o grande desespero!

Coimbra é a nossa Magua  
Em relêvos de argila e fontes de agua  
E chôpos tão velhinhos que, uma vez,  
Na sua infancia em flôr, viram passar Ignez!

É a paisagem noviça e triste da Saudade;  
Santa Isabel do outomno, êrma paisagem doente,  
De olhos verdes no ceu, mostrando ao sol-poente  
Rôxas macerações da sua divindade...

É ela, entre as paisagens portuguesas,  
Uma freirinha mística a rezar,  
No seu habito branco de luar,  
Um Breviario eterno de tristezas...  
Reza o Passado extatico e profundo,  
O Padre Nosso todo poderoso,  
Que embrandece n'um sonho religioso  
As novas tentações que tem o mundo...

Senti, ao vêr Coimbra, um misterioso espanto ...  
Agravou-se em meu sêr, a alma que é doença ...  
Nuvem de tempestade em mim suspensa ...  
Silencio a procrear a voz de etéreo canto ...  
Angelico luar que despontava  
E, pálido, esboçava  
Vagos perfis de sonho em fluida gaze ...  
Sons colorindo formas de emoção;  
Uma estranha anciedade a modelar-se quase;  
Alguem a procurar-me em plena escuridão ...

Alguem, maior do que eu, em mim, resuscitava.

Eis a hora em que o Poeta se revela  
E abraza n'uma estrela ...  
E a luz divina do primeiro verso  
(Porque Deus n'esse verso colabora  
E na primeira flôr  
E no primeiro amôr)  
Acende um riso a mais na face do Universo  
Que ante a bruteza humana sofre e chora ...

E n'este sobresalto divaguei  
Na Coimbra legendaria,

Na cidade medieva, escura e solitaria  
Que em meus annos de môço imaginei.

Estive no Penedo da Saudade;  
Altitude que ergueu a nossa magua  
E que o ceu modelou com finos dedos de agua,  
Sobre horizontes rôxos de piedade...

Estive em Santa Clara e fui bater á porta  
D'um convento que tem phantasmas a rezar...  
E perdi-me atravez de palidos caminhos,  
Entre olivae velhinhos,  
Por onde Ignez passou, depois de morta...

Vi a Quinta das Lagrimas e flores,  
Sumida n'um crepusculo profundo...  
Ali, bebi na Fonte dos Amôres;  
Marmore que ficou, tão livido, a chorar  
As lagrimas de Ignez até ao fim do mundo!

E desde então minh'alma transmontana,  
Desnuda e agreste, ao vento das alturas,

Mais branda se tornou e mais humana,  
Mais florescida de íntimas ternuras...  
Como se acaso, Ignez, o espectro do teu vulto,  
Ficando em tuas lagrimas occulto,  
Para mim transmigrasse, por encanto...  
Que ele murmura, ás vezes, no meu canto...  
É figura a surgir na minha comoção,  
Como atravez da nevoa o Rey Sebastião...

O teu phantasma, Ignez, arrebatado  
A tudo o que adoravas no Universo,  
É a sombra do meu sêr crucificado  
N'esta Saudade antiga que nasceu  
Comigo; a Companheira do meu bêmço...  
Esse Espectro gentil que sempre me acompanha,  
Cheio de etérea graça e de harmonia...  
Virgem de olhos azues que faleceu  
E aparece, em luar, nos versos da *Elegia*...  
A esposa de *Marános* na Montanha...  
A Perfeição, o Lirio, a Virgindade;  
A mística Donzela fabulosa;  
Chimerica Rosa,  
Flôr sobrenatural da minha soledade...  
O meu amor primeiro

Que me empece . . .  
Talvez o meu Desejo sem destino  
Que se fez, professando, etérea Prece;  
E é hoje a minha sombra de solteiro,  
Como foi meu sorriso de menino . . .

No teu chôro ficou, Ignez, a tua imagem . . .  
Reza, ao luar, nas brumas da Paisagem  
E nos êrmos crepusculos soluça . . .  
E sobre as almas tristes se debruça . . .  
E mata a sêde às rosas pelo estio,  
Dá esmolinhas de agua ao pobresinho Rio . . .

Lá vae, lá vae, pedindo esmola às fontes  
E às nuvens a crescer dos negros horizontes,  
Desejoso do Mar, ao longe, indefinido,  
Quando no outomno as árvores se queixam  
E se sentem, por dentro, denegrir . . .  
Velho heroe dos *Lusiadas* caído  
Nos meus versos tambem pobrinhos de pedir,  
De joelhos, orando ás portas que se fecham . . .

Paisagem de Coimbra, etérea Magua  
E mimo da Paisagem...  
Em ti pousei os olhos razos de agua,  
Tão saudosos d'Alguem que não existe  
E que eu jamais, na vida, esquecerei!...  
Vivi contigo n'um idílio triste;  
Ficou em mim chorando a tua imagem,  
Depois que te deixei...

N'estes dias de cinza e frio, cá do Norte,  
Que o vulto do Marão entenebrece mais,  
Teu palido perfil a reear a morte  
Diz ao meu coração palavras outomnaes...  
Réza velhinhos contos indistintos;  
Heroismos de dôr, amor's de perdição;  
Com o espectro de Ignez, D. Pedro desvairado;  
Crimes que o Tempo absolve e dramas quasi extintos,  
Recordações manchando o luar da solidão,  
Agua velha a cair das nuvens do Passado...  
Ó Coimbra medieval,  
Toda erigida em sombras, espectral,  
Com velhinhas muralhas de defeza,  
Egrejas onde paira a medieval tristeza  
De religiosos tempos esquecidos...  
Com torres que são gestos denegridos

Do Passado a dizer o seu eterno adeus...  
E arredores de verde suavidade,  
Fulgindo a luz, o viço, a mocidade  
Que por via do sol lhes vem de Deus...

Mas tu não és o meu passado, não!  
Porque o Passado é infância florescida,  
Primaveril recordação  
D'um tempo anterior à nossa vida...  
Tempo liberto e puro, deslizando...  
Tempo que os Anjos vivem... Horas de ouro  
Coroadas de flôres e bailando  
Em volta de outro sol imorredoiro...



CANÇÃO DA MINHA SOMBRA

Ó minha sombra... Signal  
De que em verdade eu existo  
N'esta presença carnal,  
Por quem morreu Jesus Christo...

Em ti, o meu coração  
Desfeito em nevoas, expira.  
E és, de dia, a minha lira  
Em notas de escuridão...

Em ti, me perco e difundo  
E abraço tudo o que existe.  
Ó meu phantasma tão triste  
Que andas a errar pelo mundo!

Sobre as formas espectraes  
Do teu vulto anoitecido,  
Pesa o castigo infligido  
Aos nossos primeiros Paes.

Minha sombra, fôste luz  
E tornarás ainda a ser,  
Se por ti novo Jesus  
Vier ao mundo padecer.

## VELHINHAS COUSAS

Vós sois o meu Passado sempiterno,  
Ó meu jardim sósinho,  
Onde cresce, ao luar, a flôr do esquecimento . . .  
Antigo muro á beira d'um caminho . . .  
E a velha fonte de agua que tem sêde . . .  
E a minha velha casa pelo inverno,  
Entre penumbras de agua e as afflições do vento!  
Velhinhas salas n'um silencio escuro,  
Onde pairam chimericas tristezas;  
Versos de nevoa e sombra que eu murmuro . . .  
Quadros, velhos retratos na parede . . .  
Velhinhas mezas,  
Com jarras que, na minha infancia, tinham flôres..

E tu, velhinho piano emudecido,  
Ha annos esquecido,  
N'um silencio de notas misteriosas,  
Valsas mortas de som e de estioladas côres . . .

Sois vós o meu Passado, velhas cousas . . .  
Velinhos canapés, cadeiras de pau preto,  
Onde julgo ainda ver sentadas conversando  
Creaturas que a Morte foi levando  
E que hoje são na terra ossadas de esqueleto!

E a chaleira velhinha, o velho armario;  
A candeia de azeite em sincopes de luz . . .  
A velha preguiceira  
Negra de fumo, a um canto da lareira:  
Sagrado veneravel Santuario  
Com velhas Sombras a rezar por nós!  
No throno da capela, a imagem de Jesus,  
Ao rôxo luar da cêra que se espalha  
Na alvura com bordados da toalha,  
Brunindo o oiro velho das molduras,  
Realçando, num desmaio, antigas esculturas  
De Santos, a quem já rezaram meus Avós!

Cousas que a minha magua consagrou  
E que o luar inunda de outra magua,  
Sois o Passado: um mundo que ficou  
Submerso nos meus olhos cheios de agua . . .

Como eu adoro a vossa companhia,  
Ó velhinhas imagens que a memoria  
Divinisa! Vós sois tambem a minha historia . . .  
Alheado, em vós, existo . . .  
Em vós, a minha magua se extasia  
E se modela em formas repousadas,  
Marmoreas, livres de alma, luarisadas,  
Como na cruz, depois de morto, Jesus Christo . . .

Ah, tudo quanto eu sou de vós dimana!  
A morte em que jazeis, é a minha viuvez;  
A vossa dôr, em mim, é dôr humana;  
A vossa negra sombra, em mim, se fez,  
E, em mim, suspira e chora . . .

Por isso, minha aldeia, eu vivo entregue a ti . . .  
No teu seio adormeço, como outrora  
No pequenino berço em que nasci . . .

Eu vivo entregue ás árvor's dos teus montes;  
Ao luar que vem da Serra e ganha nova luz  
No liquido rezar das tuas fontes,  
Quando as sombras, no chão, fazem signaes da cruz.

Eu vivo entregue ás flôres da tua piedade,  
Quando a minha saudade,  
(Virgem nublosa e triste que se esfuma  
Nos longes do meu sêr)  
Tão branca e delicada, as vae colhêr,  
Nas tardes outomnaes, com frias mãos de bruma...

Aqui vivo sósinho e as nuvens que aparecem...  
Crepusculos de dôr, melancolias,  
Apagadas alegrias,  
Mortes da minha vida que me empecem...  
Chimericas figuras que me falam!  
Outras, olham a terra e, lividas, se calam...  
Outras, têm, para mim, como um sorriso eterno...  
Outras, de noite, vêm no vento solitario  
Rezar á minha porta as contas dum roزاریo  
Que são todas as lagrimas do inverno!

Viver entre phantasmas, que delicia!  
Ha labios virginais pousando-me no rôsto...  
Seu contacto espectral é intima caricia  
Enviada por Deus ao meu Desgôsto...

Ó meu Desgôsto! Ó minha Divindade!  
Occulta Potestade,  
Tu sabes animar as velhas cousas,  
Quando, sobre elas, palida, fluctua,  
No silencio das noites misteriosas,  
A tua sombra de Anjo, á luz da lua...  
Aquela Sombra etérea e sobrenatural  
Que deixaste, ao partir, na minha solidão...  
E que é Sombra animada, já carnal,  
Se eu a vejo atravez da minha comoção!  
Aquela Sombra etérea a quem me sinto prêso  
E a quem eu rezo  
Melancolias de alma anoitecida  
Que parece lembrar-se de outra vida...  
Recordações que o tempo em longes esfumou...  
Tristezas a subir das cousas para mim...  
Folhas do outomno a cair no meu jardim...  
Nuvens que o vento leva...  
Minha antiga alegria que baixou,  
Entre cantos de horror, ao coração da Treva...

Aos teus pés de luar, eu rezo e me comovo,  
E a luz do sol tem um sorriso novo . . .  
E as pobres cousas vivem; são mais belas.  
Que sonho as divinisa e transfigura!  
Que espirito deslumbra a sua imagem!  
Que alegria de Deus scintila nas estrelas!  
Que maguado veu de mística ternura  
Tu deixaste cair na face da paisagem!  
Dir-se-ha que nela paira um dolorido encanto  
Que me deslumbra e faz soffrer,  
Porque és tu, nestes sitios, a viver,  
Como em segredo vives no meu canto . . .

## CANÇÃO OUTOMNAL

O mundo ficou a escuras . . .  
Bailam doidos borborinhos,  
Em volta das sepulturas . . .

O vento pelos caminhos  
Anda a correr descontente  
E maltrata os pobresinhos . . .

E qual suspiro tremente,  
Varre a terra que é, no outomno,  
Um cadaver ainda quente.

E um ar triste de abandono  
Pelos outeiros se espalha,  
Cheio de cinza e de somno.

E a noss'alma se agasalha,  
Em nós se esconde, a tremer,  
Quando a aurora, já grisalha,

Tão magrinha, a envelhecer,  
D'entre as brumas lacrimosas,  
Que pena tem de nascer!

Andam vozes dolorosas  
Nas ramagens do arvoredo  
E choram todas as cousas. . .

Murmura um negro segrêdo  
Na fria noite de luto  
Que nos visita mais cêdo.

Doridas maguas permuto  
Com a terra, quando a sós  
Íntimas rezas escuto.

No Azul ha cinzas de avós...  
Velhas lembranças falando  
Que têm lágrimas na voz.

E assim fico recordando  
Imagens frias de côr,  
Que se molham, desbotando..

E nos meus olhos, a dôr  
Ergue seu vulto ensombrado  
Junto ao sepulcro do amôr.

Ante o meu sêr concentrado  
Morre o mundo, o sol descora,  
E eu proprio sou apagado...

Velhas lagrimas de outrora  
Voltam ao meu coração...  
Geme a Tristeza lá fóra;

Vagueia na solidão...  
Anuncia o fim do mundo,  
N'uma voz de escuridão!

Êrmo Espectro vagabundo  
Que á tarde mais se conhece,  
Mais nosso corpo arrefece  
E exala um terror mais fundo...

## PAISAGEM DO MEU DESTERRO

Ó minha aldeia! Exílio! Soledade!  
Contempla-te, em meus olhos, a Saudade  
Com que ternura! É a mãe que te criou;  
Teu vulto em nevoa e terra alevantou!

E que magua te afflige, minha aldeia,  
Quando vem do Marão a lua cheia,  
E o môcho pia, e geme o vento norte,  
E como que sentimos vir a morte!...

Ó recantos escuros do arvoredol  
Azas que fogem, trémulas de mêdo!  
Ó camponezes regressando ao lar  
Já phantasmas, na luz crepuscular!  
Bois que voltam á côrte, ruminando...  
Rebanhos, no caminho, estropiando...  
E um êrmo pegureiro, já incerto  
A rezar no crepusculo deserto...  
Pobresinhas em busca de pousada,  
Vão de sacola ás costas, pela estrada...  
O fumo das lareiras, no ar, se eleva  
E toma negro vulto a fria treva...  
E sinto-a desgastar a minha imagem,  
E faleço nas sombras da paisagem...  
Sou pálida presença que se esfuma  
Em longes sepulcraes de chôro e bruma...  
E passa um fino e alado vento agreste  
Que traz murmurios negros de cipreste,  
Sombras nuas de tumulos e cruzes  
E o pôr do sol em moribundas luzes...  
E as flôres sentem gélido arrepio...  
E murcham, todas trémulas de frio...  
Mostram a linda face decaída,  
Como tu, n'esse fim da tua vida,  
Com uns olhos de Virgem Mãe das Dôres,  
Ah, cada vez mais negros e maiores,

Conforme do sepulcro te abeiravas  
E mais sequinha e pálida ficavas!

E lembro a minha casa velha e nua,  
Phantastica de sombra, á luz da lua!  
Ó vozes apagadas! Ruidos! Passos...  
Fumos do lar pintando o Azul... Abraços!  
Portas que se abrem, risos nas janelas!  
Noites vivas de cantos e de estrelas!

Mas toda a antiga vida se finou!  
É outro o mundo e o céu também mudou!  
Vejo passar agora gente estranha...  
E outra lua nasce da montanha...  
Outros velhinhos vão de porta em porta...  
Só tu me vens falar depois de morta!  
Só tu vives ainda para mim...  
Vagueias, ao luar, no meu jardim,  
Onde a sombra das arvores, mais densa,  
Realça a luz que dá tua presença...

Ha certos sitios de alma consagrados  
E da tua lembrança alumiados...

São altares de terra, onde és presente,  
Embora em vaga imagem transcendente...  
É ali que vou rezar as minhas preces,  
Quando em horas de sonho, me apareces  
E tens na trança a flôr da virgindade  
E és toda graça, luar, amor, saudade...

Viverei a cantar-te, meu amôr!  
Serei contigo junto do Senhor...  
E os ais que vôam pelo céu dispersos,  
Serão a sombra eterna dos meus versos...

## IDILIO

Espectro de donzela enamorado  
Que nas noites de lua, vagamente,  
Surge da sombra pálida das arvores...

*(As Sombras).*

Conforme vae crescendo  
A noite sobre mim,  
Mais proxima e real  
É a tua apparição...  
Os teus olhos de sombra  
Em rôsto de marfim,  
Tua voz n'um murmurio de oração...

Ó Virgem da Tristeza,  
Ouço-te os passos... Vejo  
Impresso na minh'alma

O talhe dos teus pés...  
Vens de longe... Lá vens,  
Sorrindo, dar-me um beijo,  
Com uns labios que a terra já desfez...

Teu contacto spectral  
De Sombra enamorada,  
Afoga-me em silencio  
E livido palôr...  
E a minha vida fica  
Extatica e abysmada  
N'uma fundura lúgubre de amôr...

## CANÇÃO MONTANHEZA

Ó VERSOS de alta elegia  
Que sinto vibrar em mim!  
Desnudos, de côr sombria;  
Côr de terra e penedia,  
D'uma tristeza sem fim!

Ó versos relampejantes!  
Cantos de bronze, nocturnos...  
Altitudes trovejantes  
De nuvens esvoaçantes,  
Sobre pincaros soturnos.

Clamorosos versos de agua  
Que a voz do vento recita,  
De êrmo em êrmo, fragua em fragua,  
Onde chora a tôrva magua  
Da negra noite infinita!

Altos versos aureolados;  
Versos de oiro, ao sol que nasce,  
Entre anjinhos deslumbrados  
E de aureas rosas coroados,  
Com um sorriso na face.

Tenros versos de verdura  
Ao fundo de êrmas colinas...  
Rimas de agua que murmura,  
Na saudosa tarde escura  
De penumbras e neblinas...

Ó êrmos versos subindo  
Em fraga e terra... Orações  
Que fôram empedernindo  
E se ficaram carpindo  
Ao vento das solidões.

Versos brancos de esplendor...  
Mãos de neve aos céus erguidas  
Com extático fervor,  
E em blócos de eterno alvor  
Eternamente esculpidas.

Versos duros que a tardinha  
Afaga, amima, suavisa,  
Quando humilde pastorinha  
Recolhe o gado sósinha  
E a sombra nasce indecisa.

Rôxos versos outomnaes  
Da elegia da Distancia...  
Brumosas vozes mortaes  
Que nos meus olhos cantaes  
E me embalaes desde a infancia.

Marão, profunda elegia  
Que sinto vibrar em mim!  
Versos nus, de côr sombria;  
Côr de terra e penedia,  
D'uma tristeza sem fim.

\*



## AS COUSAS

Ó SOL, perfil acêzo da Penumbra  
Voltado para o mundo!  
Archanjo esplendoroso que deslumbra  
O ceu profundo!

Ó lua, êrma caveira misteriosa,  
Marmórea e leve...  
Teu sorriso de cinza luminosa  
Põe desmaios de cirio sobre a neve.

Ó Tamega, de noite, em nevoa eterea,  
Batendo brancas azas!  
Parece que n'um grande amor te abrazas  
É sonhas alcançar a luz sideria...  
Mas vae-se a noite... e as tuas azas descem,  
Frouxas, empalidecem;  
Fundem-se no teu seio, e, por desgraça,  
São murmurios de dôr, agua que passa.

Ó vulto do Marão petrificado,  
Á fria luz do luar...  
Calvario de algum Deus crucificado...  
Alto relevo em bronze do alto mar!

Sósinha fonte, ao vento... Em que delirio  
De chôro tu murmuras,  
Esculpindo na terra a madresilva, o lirio,  
Esboçando, no ar, viçosos tons, verduras...  
Á noitinha,  
Se o teu cantar é luar, a tua agua é chama...  
O canto por mais alto é luz baixinha  
E o nosso corpo é a sombra de quem ama...

Ó nuvens destruindo  
A mentira das formas e das côres!  
Manto escuro de lagrimas delindo  
A alegria de Deus corporisada em flôres!

Ó arvores scismando no abandono,  
A ouvir o rouxinol!  
Cravejada de risos, quando o sol  
Dissipa a nevoa, a fria sombra, o somno.

Chuva de côr mansinha floresceu  
O outeiro, o vale, a solitaria serra...  
Dir-se-ha que toda a terra  
Comungára, cantando, o azul do Ceu.

Ó bruta rocha erguida nas encostas,  
Perfil musgoso e eterno!  
Sombra de arvore humilde e nua, de mãos postas,  
A rezar, a rezar as lagrimas do inverno!

Cousas fraternas! Solitarias cousas!  
Aparições esphingicas da Cruz...  
Imagens moribundas e saudosas  
Do espirito da Luz...

Vós sois, vós sois, a cósmica Lembrança  
Da divina Esperança  
Que se expande n'um impeto infinito!  
E se condensa em formas de granito,  
De terra e fogo,—as brutas formas belas!  
(E acende na imperfeita creatura  
(Pobre noite phantastica, em figura)  
As almas que são intimas estrelas.

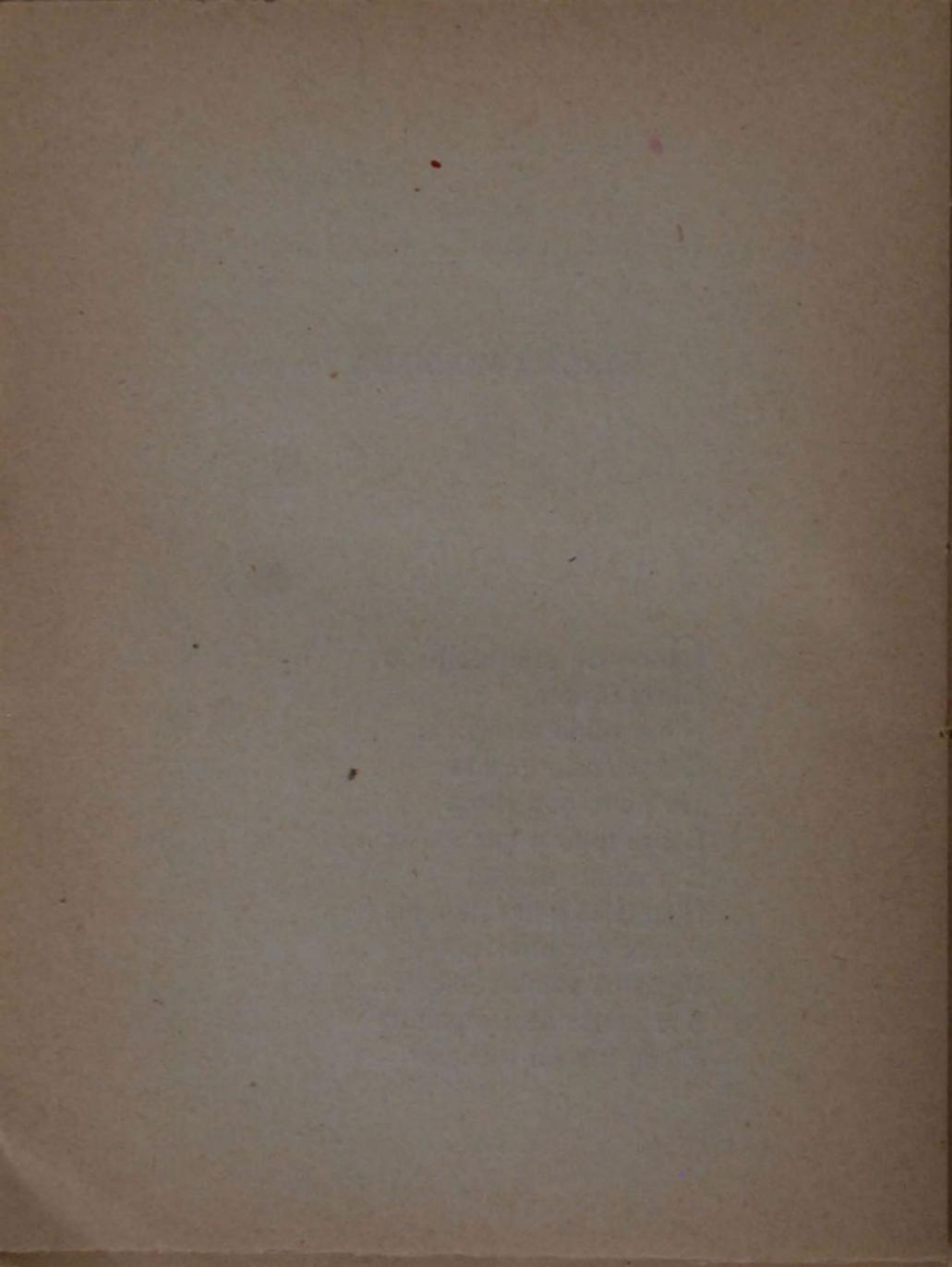
A mais profunda e viva inspiração,  
Deixa, da sua enorme criação,  
Em palavras de tinta, o resplendor d'um verso...  
Assim a Esprança, alma de Deus, a arder,  
Seguindo etéreo rumo,  
Vae deixando no espaço as formas do Universo,  
Vagos signaes de fumo;  
Recordações mortaes do seu divino sêr...

Ó cousas da Tristeza e da Alegria!  
Estatuas da Saudade!  
Vultos manando sombra à luz do dia;  
O Tempo que estagnou, o escuro, a eternidade.



## CANÇÃO MOLHADA

Gotas de som molhado  
Caem lá fóra,  
N'um ruído triste...  
É o silêncio gelado  
Da noite que chora  
Sobre tudo o que existe...  
E a minha magua  
N'aquelas gotas de água  
Parece encarnar...  
Vago na sombra escura...  
Sou morto sem sepultura  
E sou nuvem a chorar...



## CANÇÃO TEMPESTUOSA

Vae o vento a clamar,  
Na noite escura,  
Envelhecida...  
Doido, corre... Anda á procura  
De almas que o saibam cantar  
E lhe dêm eterna vida!

Ó vento, maré sombria,  
Em tumultos de agonia...  
Diluvio desfeito em bruma...  
Grito imenso que se esfuma  
E inunda a noite sem fim  
De phantasticos rumôres!

Na escuridade, lá fóra,  
Passam nocturnos clamores...  
Grandes sons diluvianos  
Vozes formando oceanos...  
É o remorso de Caim!  
É Deus que chora...

Deus vae clamando no vento!  
Vae perdido!  
Vae doido de sentimento!

Na fria noite de magua  
É phantasma a escorrer agua,  
Enlouquecido...  
Tem na fronte desvairada  
Uns olhos que relampejam...  
E tem gestos que negrejam  
Na sombra toda molhada!

Que misterio!  
Deus vestido em noite escura!  
Deus afflicto e gemebundo!

Deus de infinita amargura,  
Baixado do Reino etéreo  
Sobre o mundo...

Deus fez o mundo e morreu ...  
Deus, na sua obra imortal,  
Faleceu.  
Assim quem sonha, falece  
Nos sonhos que vae sonhando...  
E o sol, brilhando,  
Arrefece...

Deus é nuvem espectral  
Nos braços da ventania...  
Sombra imensa e lacrimosa!  
Faz a noite, faz o inverno  
Sempiterno!  
E derrama dentro em nós  
Perpetua melancolia  
Que em meus versos ganha voz  
Misteriosa...

Almas perdidas na treva  
Que se eleva,  
Cheia de horror e de espanto,  
— Rezae a Deus vosso canto!  
Rezae, que Deus resuscita  
Na voz tremula e bem dita  
Da oração.  
Rezae tudo quanto existe!  
Desde o lirio pequenino  
Até á nossa emoção,  
Que é um lirio já divino,  
Rôxo e triste.

Rezae! A noite faz mêdo!  
Passa o vento no arvoredado,  
Todo em lágrimas, gemendo...  
E tumultua e vozeia  
Na profunda escuridade!  
Maré cheia  
De saudade,  
Sobre as estrelas crescendo...

## DOS MEUS

Quando a luz murcha no céu  
E é já tardinha,  
No seu habito preto e humilde, vinha  
Visitar-nos... Deus sabe que trabalhos  
Para subir os ingremes atalhos  
Escavados da chuva,  
Que vão da sua casa ao nosso lar...

Solteira a quem o tempo escuro deu  
O luto e a magua da viuva,  
Com discreta tristeza conversava,

N'uma voz a sumir-se, a regressar  
Ao silencio profundo  
Que deixa, atraz de si, quem parte d'este mundo.

Ou se ficava, pálida, a sorrir...  
Ou então, para nós, olhava, olhava,  
Com maguas de alma em vesp'ras de partir.

E descia ao jardim a ver as flôres...  
E via a nossa casa e os arredores,  
Como quem triste e lugubre memora  
Cousas, figuras mortas na distancia...

Ali viveu outrora,  
Na brumosa manhã da minha infancia.

E o seu vulto de sombra e de abandono,  
Nas áleas do jardim,  
Dir-se-hia que chamava pelo outomno...

A noite vinha, emfim;  
A noite é aquela escura frialdade...  
Despontava no céu a lua cheia  
De cósmica saudade...  
E nos dizia adeus.  
Regressava ao seu lar que fica perto  
Da igreja parochial da nossa aldeia...

Lá ia no crepusculo deserto,  
Com a morte já proxima e com Deus...

Rezar, tirar ao corpo e dar aos pobresinhos;  
Encher de rosas, de camelias, lirios,  
O branco altar da Virgem Dolorosa,  
Quando o desmaio funebre dos cirios  
Põe mêdos a voar na igreja silenciosa...  
Andar pelos caminhos,  
Com pejo de trilhar a terra abençoada.  
Viver a vida etérea,  
E para as brutas cousas ser ternura.  
Ser piedade, bondade, amor e luz,  
E nos seus olhos ter crucificada  
Toda a imagem de dôr e de miseria...  
Ser uma sombra humana de Jesus.

Ser, por fóra, a velhice, a fealdade escura ;  
Por dentro, um lirio mistico do val',  
Olhae o que ela foi na vida transitoria ...  
Eis a sua memoria,  
O sol que lhe pousou no n'armor sepulcral...

N'um dos ultimos dias d'este inverno,  
Quando no Azul se extingue a etérea braza  
Que aos pobres de pedir aquece as mãos e os pés,  
Chegou mais pensativa a nossa casa,  
Trazendo já no rosto aquela palidez  
Em que alvorece o grande adeus eterno!

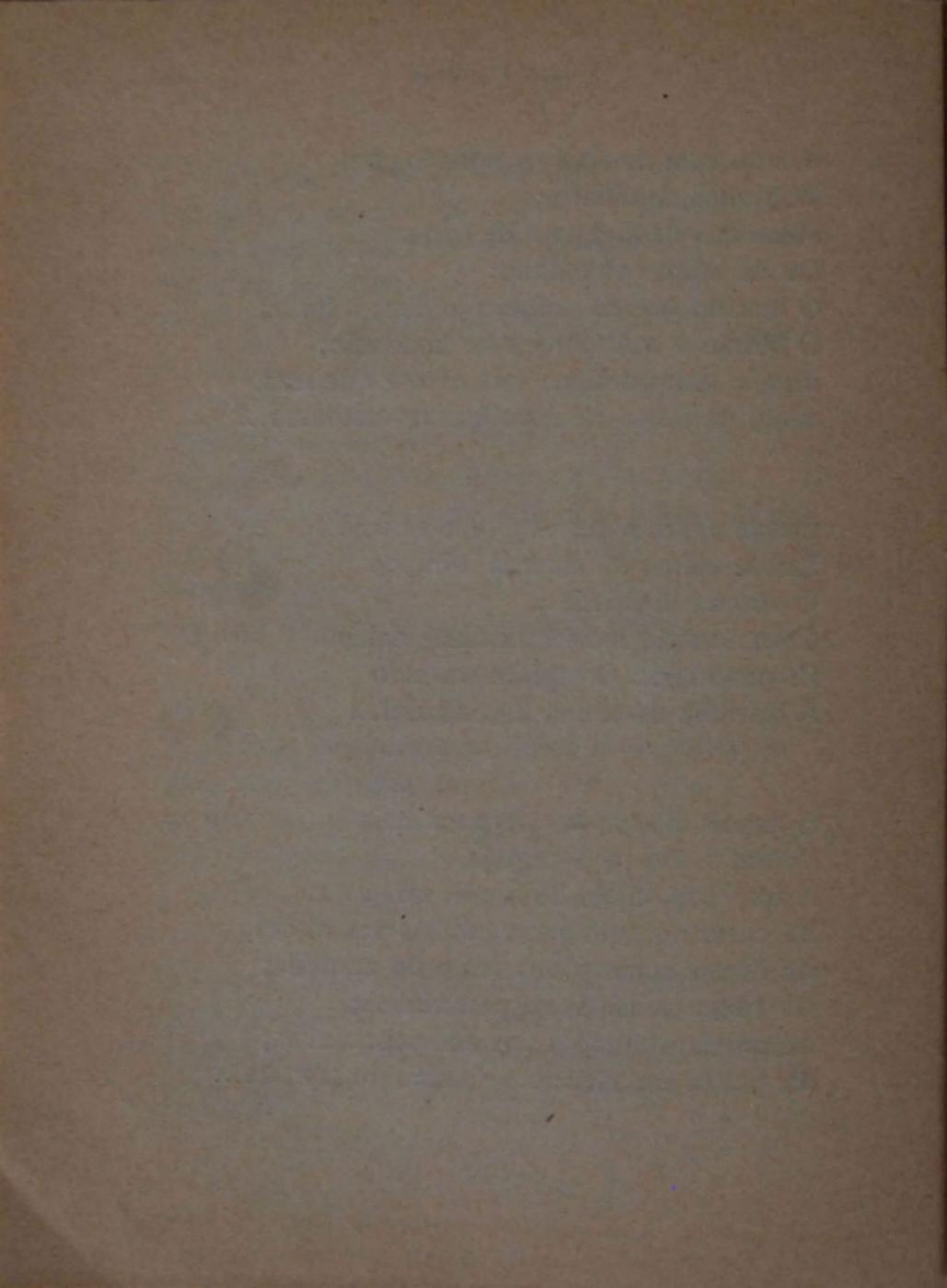
N'um mau presentimento, estou a ver seu vulto  
Mais serio e anoitecido ...  
Já com manchas de terra no vestido,  
Pela imaginação quasi sepulto.

E o seu olhar pousava sobre as cousas  
Que, insensiveis e frias, ocultavam  
Gratas recordações, lembranças carinhosas  
Que, pela vez primeira, lhe falavam!

Visitou com demora os bons logares  
Velhinhos, familiares;  
Memórias de alegria e de tristeza  
Ou de intimo abandono:  
O terreiro que dá sobre o jardim; a fonte;  
O Marão e a Abobreira no horizonte;  
Aquele muro antigo; esta arvore que reza,  
Junto da nossa casa, ao luar do outomno...

Esteve assim n'um vago alheamento...  
Extase etéreo de alma já sentindo  
O vôo da liberdade...  
Concentração mortal, deslumbramento  
Crepuscular... O espirito sorrindo  
Á beirinha da eterna Escuridade!...

E depois afastou-se... Nunca mais  
Voltou... Ao pé da igreja,  
A sua cova, ainda de fresco, alveja...  
Ali caem no outomno as folhas dos rosaes;  
Ali dorme sonhando o vento do nordeste;  
Ali vôam cantando os passarinhos;  
Ali queda rezando a voz dos pobresinhos;  
Ali pousa em silencio a sombra do cipreste...



## CANÇÃO DO LUSCO-FUSCO

Vem da serra a madrugada.  
Vê-se-lhe o corpo indeciso:  
Sombra de rosas coroada,  
N'um sorriso...

Como ás horas do sol-posto,  
Corre uma aragem brumosa  
Que frios dedos nos pouosa  
Sobre o rosto...

De ramo em ramo esvoaça;  
Faz tremer  
Gotas de orvalho pendentes  
Das folhagens viridentes,  
Refulgindo a etérea graça  
Do sol antes de nascer!...

É a hora crepuscular,  
Quando a estrela matutina,  
Flôr divina,  
Vae murchar...  
Quando a minh'alma desperta;  
E, phantastica, vagueia,  
Á luz de velha candeia,  
Na fria casa deserta...  
E ha penumbras oscilando,  
Desenhando,  
Nas paredes e no tétó,  
Gestos vagos de esqueleto...  
É a nossa propria figura  
A nascer da noite escura,  
De si medrosa, tremendo,  
Ante o misterio profundo  
Do seu vulto aparecendo  
Sobre o mundo...

E as almas extremunhadas  
Que se levantam mais cêdo,  
Passam nas êrmas estradas,  
Friorentas,  
Nevoentas,  
N'um silencio que faz mêdo...  
É que existe  
Dentro delas  
Velhinha noite mais triste,  
Cheia de cinza de estrelas...

Pobres almas espectraes  
Que, de subito, acordaes,  
Noite morta!  
Porque ha remorsos, saudades,  
Ventos de êrmas tempestades  
Que lhes vão bater á porta!

Pobres almas anciosas,  
Já despertas  
Quando tudo  
É morto e mudo...  
Vão frias, silenciosas,  
Pelas estradas desertas...

Umás vão de enxada ao hombro ;  
Férrea cruz do seu calvario  
Solitario!  
E vão outras sem destino,  
Espantadas, n'um assombro  
Que é divino!  
São as almas dos poetas,  
Na noite morta, inquietas,  
Ouvindo chamar, chamar,  
Lá dos confins d'esta vida  
Indefinida . . .  
Lá, d'onde tudo se esfuma  
Em sonho, bruma  
E luar . . .

Almas de insomnia a soffrer  
A dôr eterna de ser!  
Almas penando,  
Expiando  
O Peccado, creador  
E mais o crime do Amôr!

E vão passando tambem  
Pelos caminhos além,

Outras almas acordadas  
Por cuidados que lhes batem  
E as deitam fóra da cama,  
Quando os cães uivam e latem  
Às negras horas paradas...  
É que sofre dentro d'elas  
Nossa Senhora das Dóres  
Que tem filhos a quem ama  
E nada tem que lhes dar,  
Tendo anjinhos a cantar,  
Tendo estrelas,  
Tendo flôres!

Passam tristes pegureiros...  
Vão subindo êrmos outeiros  
Que declivam sobre o rio.  
Saltando de penha em penha,  
Entôam nocturnos cantos.  
E ao sôpro do vento frio,  
Aconchegam os seus mantos  
De estamenha.

Nos caminhos solitarios  
Passam pobres centenarios,

Fincados ao seu bordão...  
Os olhos postos no chão...  
Rostos que o tempo consome;  
Máscaras velhinhas do uso,  
Modeladas com raivor  
Pelas negras mãos da fome!  
Sequinhas mumias de dôr,  
Na baça fluidez cinzenta  
Do ar confuso...

Levam ao hombro a sacola  
De mil caminhos poeirenta  
E remendada...  
Tão cêdo, já de longada,  
Vão passar aquelas serras...  
Vão pedir a longes terras  
Longinqua esmola...

Vão a rezar rezas mortas;  
Repetidas tantas vezes,  
Á chuva dos frios mezes,  
Junto ás portas...

Lembram vozes falecidas  
E perdidas  
Pelas êrmas solidões  
Em phantasmas de orações...

E num silencio profundo  
E n'um gesto alvorecente,  
Cresce a aurora em alegria  
Sobre a negrura do mundo,  
Tão criminoso e inocente!

E os tristes dos pobresinhos,  
Vão rezando: *Avé, Maria!*  
*Amen, Jesus...*  
E os que vêm mal, já tropeçam  
Na sombra dos ramos nus  
Que atravessam  
Os caminhos...  
E rabujam, tropeçando,  
Contra o corpo que fraqueja  
E os vae deixando  
Ao abandono...  
É a sombra do eterno Somno

Que já lhe poussa na face,  
E entre os seus olhos negreja  
E o sol que nasce...

Passa a Doidinha a cantar...  
Vae a cantar e a chorar!  
Vae descalça, esfarrapada!  
Treme com frio, coitada!  
Às vezes, pára sorrindo...  
Ou, mais sombria, estremece!  
Outras vezes, fica ouvindo  
A voz de alguém que lhe empece...  
Negras sombras delirantes  
Turvam-lhe os gestos distantes  
E revoltam-lhe o cabelo!  
Nas suas faces de gêlo  
Que descoram,  
(Murcha rosa antes de abrir!)  
Tem risos doidos que choram  
E tem lagrimas a rir!  
E nos seus olhos soturnos  
De desgosto  
Rondam espectros nocturnos,  
Ardem febris desvarios  
Que lembram luzes de cirios

A acompanhar um sol-pôsto . . .  
Bailam macabras imagens  
De demonios e paisagens:  
Vultos de alma empedernidos,  
Deslumbrados e transidos  
De terror . . .  
As formas já espectraes,  
Excedidas, irreaes,  
Da eterna Dôr!  
É o phantasma da Loucura  
Que a desvaira em pensamento,  
Entregando-a ás mãos do vento  
E á noite escura! .

Longe de povo e de casas,  
Vae n'um sonho de martirio!  
Vae chorando . . .  
Vae cantando . . . Vae voando  
Na sua voz que tem azas  
Em delirio! . . .  
Vae entregue á sua sorte . . .  
Vae n'um impeto de treva,  
N'um negro encanto que a leva  
Para a morte!

Pobres almas anciosas,  
De vigília, enquanto as cousas  
Dormem um somno profundo  
Desde o começo do mundo!

Vão passando macilentas,  
Entre neblinas cinzentas . . .  
E o seu olhar se deslumbra  
Nos longes que a aurora tinge  
De alegria mal acêza,  
Que é tristeza . . .  
Andam silencias da Esphinge  
Na penumbra . . .  
E as arvores da solidão,  
Despidas, sem agasalho,  
Têm gestos negros no ar . . .  
E nas lagrimas do orvalho  
Ha risos mortos que vão  
Resuscitar . . .

## A HORA DO LUAR

A lua nasce... E ao longe, no horizonte,  
Ergue-se altivo e triste  
O cêrro montanhez que a viu nascer...

No seu fresco recanto, a minha fonte  
Chora baixinho aquela fria magua  
Que em nós, além das lagrimas, existe...  
E faz intimamente padecer  
As arvores que têm, no estio, sonhos de agua...

E por mim passa um velho lavrador,  
Curvado, sob a enxada que lhe pesa . . .  
Ha disfarces assim da eterna Dôr  
Vestida de velhice e de pobreza.

Passa tambem a Silvana . . .  
Já medrosa e comovida,  
Vae para casa dos Paes,  
Que é uma velhinha choupana...  
E a sua esvelta figura,  
No crepusculo esvaída,  
É quasi só formosura . . .  
Ganha formas irreaes  
De Aparição . . .  
Lembra o vulto da saudade  
Que, ao morrer a claridade  
E ao nascer a lua nova,  
Divaga á flôr das cousas pobresinhas;  
Empece ás almas viúvas e sósinhas,  
Cuja vida é uma oração  
Rezada sobre uma cova . . .

E na espessura verde, um rouxinol  
Espalha notas vivas de alegria,

Porque o luar, espirito do sol,  
No seu canto renasce... e é luz do dia!  
E um gesto de ramagem que me ensombra,  
Tremúla... E quasi vejo perpassar  
Como um perfil angelico de sombra  
Que foge... e se ouve ainda murmurar...

E nasce o luar... Vae crescendo...  
E vae as çousas brutas comovendo...  
E desmaiam as estrelas...  
E no alto mar desmaiam brancas velas,  
E nas almas tambem desmaia a dôr...  
Os gritos que desmaiam, são gemidos.  
Em fria palidez desmaia a côr...  
Desmaia a nossa imagem...  
As arvores desmaiam na paisagem...  
E desmaiam as vozes e os ruidos...

E vae crescendo o luar... E cada vez  
Ha mais frio silencio e palidez  
Sobre a face do mundo  
Congelada n'um extase profundo...

Cresce o luar no espaço misterioso . . .  
Cresce o luar, sombra do sol, essencia,  
Mortal da Luz . . .  
Cresce o luar em alva transparencia,  
Em volta d'este mundo tenebroso,  
Como uma aureola em volta d'uma cruz . . .

Cresce o luar . . . Vae subindo  
Sombras, almas, espectros, definindo . . .  
E vae crescendo . . . E na suprema altura,  
Parando e abrindo as azas espectraes,  
É o Anjo imenso e triste da Natura . . .  
Um Anjo triste  
Que, vestido de côres outomnaes  
E dissipando as trevas, nos empece . . .  
E rezamos então aquela prece  
Que é o silencio de tudo quanto existe . . .

## CANÇÃO LUARENTA

Vem do Marão, alta serra,  
O luar da minha terra.

Ora, vem a lua cheia . . .  
Rôsto enorme  
E luminoso,  
N'um sorriso misterioso,  
Por sobre a aldeia  
Que dorme . . .

Ora, vem a lua nova  
Que é um perfil  
De donzela falecida . . .

Nas claras noites de abril,  
Em nevoa de alma surgida  
Vagamente,  
Anda a errar  
E a suspirar,  
Em volta da sua cova . . .  
Espectro em flôr,  
Preso á vida eternamente  
Pelo amor! . . .

Vem do Marão, alta serra,  
O luar da minha terra . . .

O luar é um Anjo imenso . . .  
Ouvindo a reza das fontes,  
Toda a noite sobre os montes,  
Fica extatico e suspenso . . .

## CANÇÃO SAUDOSA

Triste Menina e M<sup>o</sup>ça que eu amei!  
Hoje, perfume etéreo que se exala,  
Ainda adoro, sim, como adorei,  
A tua sombra que me beija e fala!

*(As Sombras).*

A Saudade vem bater,  
Vem bater á minha porta,  
Quando o luar é de lagrimas  
E a terra parece morta.

E a Saudade bate, bate,  
Com tal carinho e brandura,  
Que nem a aurora batendo  
Á porta da noite escura!

Mas eu ouço-te, Saudade . . .  
E o silencio é tão profundo!  
Ouço vozes, chôros de alma,  
Que ninguem ouve no mundo!

Misteriosas Imagens  
Passam por mim, a falar . . .  
Eu bem sinto o que elas dizem,  
Bem o quizera contar!

Mas, ó tristeza! emudeço.  
Caio de mim sobre o Nada!  
Sou a minha propria sombra  
Não sei onde projectada!

E entra a Saudade . . . Fiquei  
Como assombrado e sem voz!  
Sinto-a melhor, que senti-la  
É vê-la dentro de nós.

Vinha com ela a tristeza  
Que a tarde espalha nos montes...  
E os phantasmas que, no inverno,  
Choram em volta das fontes.

Vinha cercada das sombras  
Que a gente avista ao luar...  
E das alminhas errantes,  
Fóra da vida, a penar.

E vinha a sombra dos Êrmos  
Com os olhos razos de agua...  
E os segredos que a noitinha  
Vem dizer á nossa magua.

Vinha a sombra do Marão,  
Sob a lua em varias fases;  
E no seu rosto de bronze  
Trazia um veu de lilazes.

Vinha a alma do Desejo  
Toda a arder . . . Em volta d'ela  
Giram mundos e phantasmas,  
Como em volta d'uma estrela.

E as saudades que ha no mundo  
Vinham com ela tambem.  
Eram filhas em redor  
Do vulto de sua mãe.

Tudo o que é sonho em vigilia  
No somno da Creação;  
E entre as mortas aparencias  
É divina Apparição;

Tudo vem com a Saudade,  
De noite, bater-me á porta,  
Quando o luar é de lagrimas  
E a terra parece morta . . .

## A ESTRELA DO PASTOR

Venus, sorriso de oiro a florescer  
Na boquinha da noite que emudece,  
Quando tudo começa a escurecer  
E o coração dos lírios arrefece.

É quando tu sorris á minha dôr  
Na rouxidão brumosa da Distancia . . .  
Mas já não és a estrela do pastor  
D'esse tempo velhinho que era infancia.

Porque Virgílio nunca mais cantou  
Os primeiros alvôres da Saudade,  
N'uma eterna canção que deslumbrou  
A misteriosa e bela Antiguidade!

Dôce Virgílio da primeira magua!  
Primeiro ai! das cousas, tão profundo...  
Primeiros olhos de alma razos de agua,  
Primeira sombra humana a errar no mundo!

Virgílio! meu divino Antepassado,  
Choram por ti as cousas... Tudo chora  
O teu saudoso espirito ensombrado  
Na mística visão de nova aurora.

Venus chora por ti, ao sol-poente...  
A dôr tirou-lhe o encanto em que viveu.  
Deusa que foi do Amôr, é simplesmente  
Nada de terra a macular o ceu.

Tem montanhas, cidades, grandes mares;  
Homens que odeiam, peste, fome e guerra!  
E poetas que hão de erguer os seus cantares,  
Vendo ao longe, no ceu, brilhar a Terra!

O mundo que eu habito! Extranho signo!  
Phrase de Deus em letras infernaes!  
Quantas almas affictas, espectraes,  
Te hão de interrogar sobre o destino?!

Porque este mundo envia aos outros mundos,  
No silencio sem fim das noites calmas,  
Rezas escuras, canticos profundos,  
A sua sombra imensa tôrva de almas!

Vae no branco luar em que fulguras,  
Tua imagem de terra e sentimento,  
Toda febril e viva de figuras,  
Toda pintada de árvores ao vento!

A tua verde imagem vae subindo  
E as alturas chimericas atinge . . .  
E vejo sobre os astros incidindo  
O teu perfil de pedra, muda Esphinge!

Ó minha terra! Ó lagrima apagada,  
N'um infinito em lagrimas acêzas . . .  
Sombra humana de Deus crucificada,  
Entre longinquas luzes e tristezas!

Serás, ó Terra, aos olhos de outra Dôr,  
Divina estrela a rir n'outro Oriente,  
Sobre o berço infantil de outro Senhor  
Que n'outra cruz morreu por outra gente? . . .

Quantas dôres e angustias te procuram  
De longe, de outros mundos dolorosos . . .  
Por isso, á noite, ha vozes que murmuram  
E remotos silencios murmurosos . . .

São já farrapos de alma... Um gesto morto  
De gritos que se esfumam... Ais perdidos!..  
Tragedias abysmadas, suôres n'um Hôrto,  
Manchando em nevoa os longes desmedidos!

E vae a minha aldeia, o meu jardim,  
E vae meu sêr... Turbado, se desterra...  
Vae nas azas da luz que desce á Terra  
E refractada corre o Azul sem fim!

E outras almas encontra... Aspirações  
Que se cruzam no espaço e reconhecem...  
Anciedades, tristezas que alvorecem  
Nas frias e nocturnas solidões.

Infinitas distancias! Vacuo imenso!  
A treva! O frio! Horror! Silencio enorme  
O abysmo que devora quanto eu penso,  
A noite sempiterna que Deus dorme!

E em pleno Abysmo negro que faz mêdo,  
A minha imagem doida a voar delira . . .  
E julga ouvir murmurios de segrêdo,  
Os acordes astraes de etérea Lira . . .

Quando, já definhado, o sol não arde,  
Ouço n'um sonho mistico de encanto,  
Indefinida voz de etéreo canto  
Que parece descer na luz da tarde . . .

( Sois vós, cantando, meus irmãos d'Alem!  
Poetas de outra Saudade e Profecia,  
Enleados em outra Simpatia  
E melindrosos de outro luar tambem.

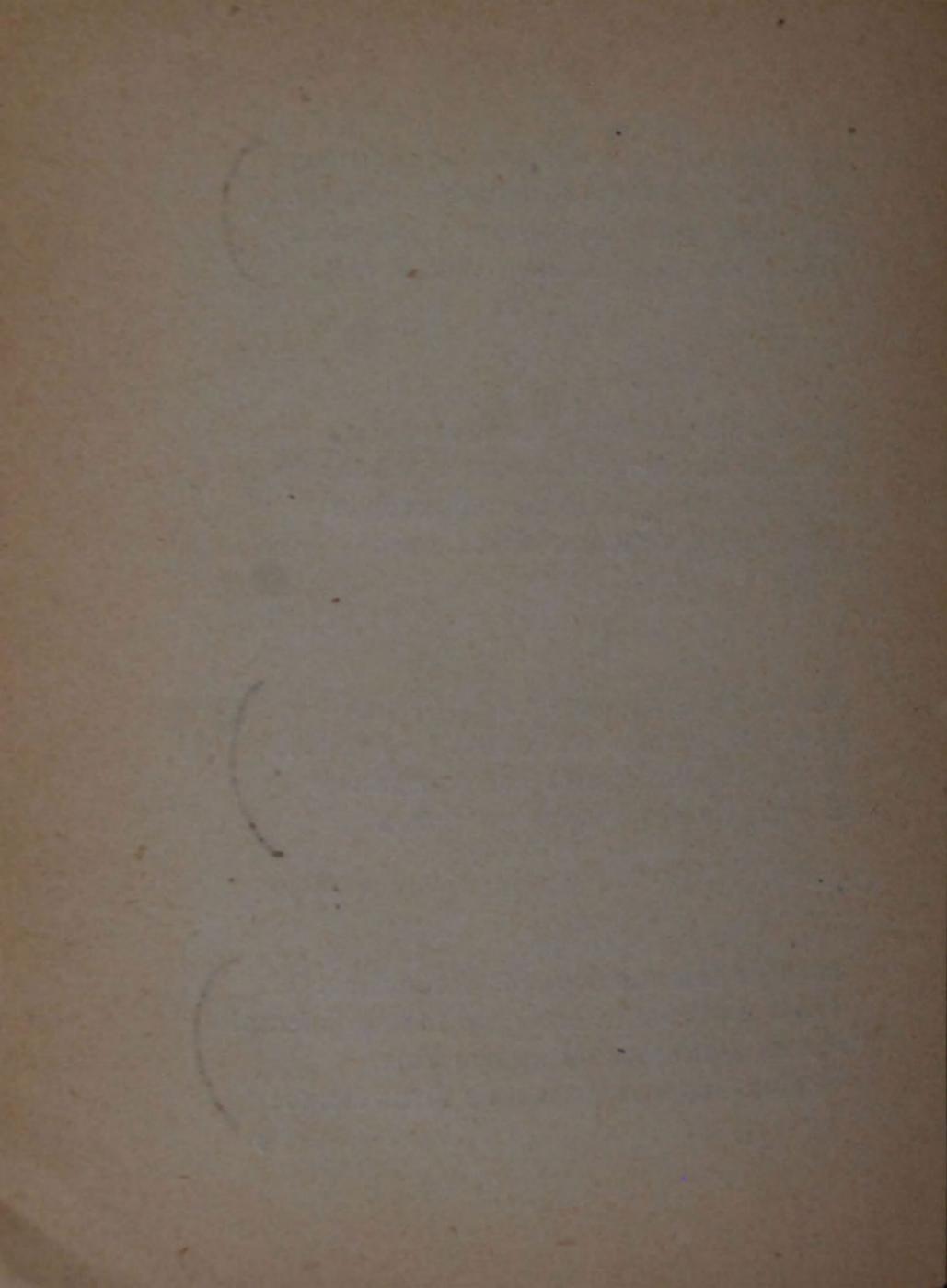
Sois vós em outros mundos a cantar!  
É o ether transmitindo a vossa magua . . .  
É a vossa Lira trémula, a vibrar  
Sons de estrelas a arder em gotas de agua.

Eu vejo-vos . . . A dôr que me consome,  
Dá-me um sentido misterioso e occulto . . .  
Em mim, as cousas vagas têm um nome;  
Deante de mim, as almas tomam vulto.

E a minha dôr, longe de mim, abraça  
A vossa dôr, longe de vós . . . Aonde?  
Onde a face de Deus se não esconde  
E os corpos vestem a divina graça!

Nós vivemos aquele estranho Drama  
Que, em sombra, nos arrasta pelo ceu . . .  
A saudade de Alguem que não nasceu  
E é phantastica Virgem que nos ama!

Sômos a Dôr nos mundos acendida . . .  
Almas cantando, a arder, no mesmo Inferno!  
Mortas aspirações da mesma Vida,  
Sombras mortaes do mesmo Deus eterno!



## CANÇÃO MEDROSA

Na noite livida, o Mêdo  
Vem bater á minha porta,  
Como um segredo  
Da Esphinge morta ...

Anda a rondar nas estradas,  
Nas brancas encruzilhadas;  
Nos sombrios pinheiraes,

Onde ao vento  
Violento,  
Ha mil sombras murmurando,  
Tôrvas de gestos, dançando  
Ermas danças espectraes !

E todo se exalta e alegre !  
Doido, ri na noite negra,  
E, doido, esvoaça,  
Quando cinge,  
N'um desejo mais acêzo  
Que uma estrela,  
Alma sósinha que passa ...  
E, de subito, congela,  
Sob o pêso  
Dos teus olhos, muda Esphinge !  
É que a sua formosura  
De brancura  
Tão intensa,  
Em frio mármore condensa  
Tudo quanto receber  
A influencia desvairante,  
Fulminante,

Do seu vulto  
Que anda occulto  
Em negra máscara a arder!

O Mêdo paira nos rios,  
Pondo tórvos nevoeiros  
E arrepios  
Entre os choupos e os salgueiros,  
Cheios de gestos parados,  
Congelados . . .  
Sobre as aguas se debruça,  
E nos açudes soluça,  
Tão alto que a noite morta  
Resuscita!  
E, toda afflicta,  
Corre a paisagem absôrta,  
Geme um lugubre gemido . . .  
E mais livida parece  
E mais escura,  
Quando ao vento do Marão  
A nocturna solidão  
Mais emudece . . .  
E as folhas têm um ruido  
De secura . . .

Vento de febre e desgraça,  
Voando incerto,  
N'um queixume . . .  
É o phantasma do Deserto.  
Com azas negras de lume . . .  
Sombra da Esphinge que passa . . .  
Perfil sonóro e resêco  
A percutir-se n'um écho  
De estiagem, requeimando  
As folhagens viridentes  
E trementes  
Que se torcem, crepitando . . .

E ao ver nas aguas do rio  
A sua imagem,  
O Mêdo branco de mêdo  
É um espectro em desvario!  
Máscara doida correndo  
Pelas sombras da paisagem,  
Vivas de alma e de segrêdo,  
Estremecendo . . .

E a lua, ao vê-lo passar,  
Tem mais livido palôr

Sobre o silencio das cousas . . .  
Mudas fontes de terror  
Dir-se-ha que vão gelar . . .  
Só as aves tenebrosas  
Soltam pios agoueiros  
Do alto de êrmos pinheiros;  
Meus irmãos da solidão. . .  
E soffrendo, como eu,  
Remota dôr spectral  
Que se espalha pelo val  
Em penumbras de emoção,  
E é a noite que vem do céu . . .

O Mêdo percorre a aldeia.  
Seus vestidos são luar;  
O seu rosto é lua cheia  
De memoria . . .

Entre os ramos do arvoredor,  
Espreita o Mêdo,  
Quando a lua merencoria  
Anda a expiar

Os espectros acordados ;  
Tenebrosos enviados  
Do Misterio . . .  
Imagens mortas de vidas,  
Errando nas avenidas  
D'um deserto cemiterio,  
Onde as lagrimas das árvores  
Se ouvem cair sobre os mármore . .  
E ha sombras que se arrepiam,  
E os môchos lugubres piam,  
Em alto e negro cipreste  
Gemebundo, ao vento leste . . .

O Mêdo espreita quem passa  
No crepusculo indeciso . . .  
Vê-se-lhe a máscara aceza,  
Com uns olhos de tristeza  
E os labios brancos de riso !  
E chimerico esvoaça  
Atravez da solidão . . .  
Pousa em nosso coração  
Que em frios longes se esconde,  
Além dos céus . . .  
Lá por onde

Nossa voz, rezando, paira ;  
N'essa phantastica altura  
Que os proprios Anjos desvaira  
E faz vertigens a Deus! . . .

Ó Mêdo! Amôr e Saudade!  
Decaida divindade!  
Anjo de eterna amargura,  
Estendendo eternas azas,  
No ceu livido e profundo,  
Sobre os homens, sobre as casas,  
Sobre o mundo . . .

Em noites doidas de vento,  
Quando o Mêdo nos empece  
E andam nuvens a chorar  
Na sombra escura do ar,  
—Nosso corpo desfalece ;  
Exilámo-nos de nós!  
Fugimos em pensamento,  
Com os olhos espantados,  
Os cabelos erriçados,  
Morta nos lábios a voz!

Ante o Mêdo, a nossa imagem  
É pobre imagem vazia  
Desenhada em terra fria,  
Como as sombras da paisagem . . .  
Aparencia de presença;  
Ilusão que se condensa,  
Sombra de alma reflectida . . .  
Ai, a saudade da vida,  
Não a vida, é que supporta  
A noss'alma quasi morta . . .  
Divina e pobre candeia  
Que, saudosa, bruxuleia,  
Tão longe, no nosso sêr!  
Onde ele é já invisível  
E a nós próprios insensível,  
Alem da morte, a viver!

O Mêdo é o vulto disforme  
Da negra noite espectral . . .  
É a propria noite, afinal,  
Tumultuosa de visões  
Sobre a paisagem que dorme . . .  
A noite,— o estranho scenario,  
Onde o Mêdo legendario  
Incendeia Apparições;

Personagens misteriosas  
D'essa Tragedia infinita,  
Em que geme, chora e grita  
Tudo o que é sombra ilusoria  
A desprender-se das cousas,  
Sob a lua merencoria . . .

Eis a Tragedia maior!  
Porque exprime a eterna Dôr  
Excedida, imaginada,  
Do seu leito trasbordada  
A evaporar-se no Além . . .  
— O espectro da Virgem-Mãe  
Ante o espectro de Jesus,  
Pregado sobre uma cruz  
Que abrangesse n'um abraço  
Todo o espaço! . . .

Ó Dôr em sombra de dôr!  
Alma do Mêdo! Terror!  
Vago Espectro . . . Luz do luar . . .  
Ramo de árvore . . .  
Sombra negra a dimanar  
D'um branco mármore . . .

Etérea brisa  
Suspirando . . .  
Môchos piando:  
Escura voz . . .  
Essa figura indecisa  
Que se entrevê na tardinha,  
Quando, pálida, caminha  
Para nós . . .  
O murmurio liquifeito  
Do rio nas horas mortas,  
Sonhando alto em seu leito . . .  
O vento batendo ás portas  
Dos casaes . . .  
Ermos chôros na profunda  
Negra noite gemebunda . . .  
— Tudo é presença do Mêdo.  
E ainda mais,  
Este sonho de segredo  
Que, de longe, nos ensombra;  
E, tão livido, murmura  
Na noite que nos criou  
E em nós ficou . . .  
Velha sombra  
Que, para dentro, projecta  
A creatura . . .  
E depois lhe sobe ao rosto;

E é vulto de aza inquieta,  
Vago remorso, desgosto  
De viver a imperfeição  
Da Creação . . .

Todas as formas da Vida,  
São máscaras escondendo,  
Em sorrisos de aparência,  
A mesma face offendida,  
Sem remedio, padecendo  
A pena imposta á Inocencia!

Ó Mêdo antigo e soturno!  
Grande Phantasma nocturno!  
Mêdo antigo! Ó Natureza!  
Espectro imenso  
De tristeza  
E de martirio,  
Por sobre o mundo suspenso!  
Eu recordo aquele instante,  
Em que n'um vôo desvairante  
Pelos ceus,  
Levaste junto de Deus  
A creatura em delirio!

Como ferida d'um raio,  
Riso doido aberto a fogo,  
Caiu logo  
N'um desmaio . . .  
Mas, de repente, acordou,  
Entre as trevas primitivas!  
Ergueu as mãos aflitivas  
E gritou!

Primeiro grito divino  
Sem destino,  
De nevoa em nevoa echoando . . .  
Primeira reza alvorando . . .  
Primeiro sol a raiar . . .  
Deus, emfim, a despertar  
D'aquela somno profundo  
Em que ele sonhára o mundo . . .  
E sonhou a luz do dia  
No canto da cotovia . . .  
Sonho belo!  
Mais o homem, — pesadêlo,  
No qual viu sua figura  
Decaída,  
Sujeitada á Morte escura  
E ás leis da Vida . . .

Vida! Loucura da Dôr!  
Impeto de alma sem fim!  
Onda enorme que me levas!  
E sou eu proprio, Senhor,  
Perdido, a cantar nas trevas  
E, doido, a chorar por mim!

Ó primitiva oração!  
Primeira humana expressão,  
Além da Dôr, a soffrer!  
Divino sêr!  
Anjo de luz que ainda existe  
E vive no mundo triste,  
Cada vez mais carregado,  
Mais pesado e mais afflicto  
De dôres mais dolorosas...  
Cada vez mais sepultado  
Nas funduras tenebrosas  
Do Infinito!

Silencio! Eu ouço cantar  
Na noite morta, ao luar...  
É a voz do Mêdo sósinho,  
Ao longo de ermo caminho...

Voz espectral e cinzenta,  
Vasia, fria e deserta,  
Que em si falece, ilusoria,  
E nem os echos desperta  
Na penumbra luarenta  
E merencoria . . .

Cada alma tem seu mêdo . . .  
Aquele intimo segrêdo  
Que ela mesma vae ouvindo . . .  
Intima voz escondida,  
Misteriosa,  
Ou de alegria ou de dôr,  
Luminosa ou tenebrosa . . .

Mêdo angelico sorrindo  
N'uns labios dizendo: *amôr!* . . .  
A primeira vez na vida.

Mêdo em lagrimas occulto . . .

Mêdo ao teu corpo divino  
Que n'um clarão repentino,  
Me deslumbra!  
E fugindo-me, só vejo  
Esse rasto de penumbra  
Que deixa atraz do teu vulto  
O meu desejo...

Mêdo aos teus olhos tão pretos!  
E discretos  
Na palidez do teu rôsto...  
N'eles vejo retratar-se  
E em luz divina doirar-se  
A imagem do meu desgosto...

Mêdo á flôr que desabrocha  
Com tão melindrosa graça,  
Que um só momento que passa,  
A deixa sequinha e rôxa!

Ó mêdo á vida! Remorso  
De matar para viver!  
Baldado esforço  
De ser!

Mêdo ao Crime que renasce  
D'esses lados d'onde vem  
A noite negra de outrora . . .  
E quer viver, ser alguém,  
À luz do dia!  
Ser a estatua da agonia,  
Em cuja face  
A dôr reprêsa não chora!

Ó mêdo á sombra do outomno . . .  
Imagem fria a dormir  
Um frio somno . . .  
Mêdo ás folhas a cair  
Em charcos de agua,  
Onde pousa aquela magua  
Longinqua do céu azul,  
Sujo das nuvens do sul  
Que são lembranças do mar . . .

Ó mêdo á Morte a rezar!

Mêdo ao misterio profundo  
Que enche de trevas o mundo . . .

Mêdo ao silencio infinito,  
Todo afflicto,  
Imovel, petrificado  
Em tão altas dimensões,  
Que a gente não pode vê-las!  
E é negro ceu constelado  
De ais, de gritos e orações  
Que Deus converte em estrelas!

( Cada alma tem seu mêdo . . .  
O seu segredo  
Que Deus lhe disse ao nascer,  
Para ela o não dizer . . .

É o segredo que contem  
Todo o misterio do Alem . . .  
A Palavra misteriosa  
Que faria eterna luz  
Na escuridão da Natura.  
Mas nem a disse Jesus,  
Nem Sibila fabulosa . . .  
E só baixinho murmura

Ou na lagrima primeira

Ou derradeira . . .

Di-la o primeiro vagido

E o derradeiro gemido . . .

## QUEM SOIS VÓS ?

Vejo sombras, de noite, vagueando,  
Nas distancias brumosas perpassando,  
Confusa e vagamente conversando . . .  
Quem sois vós? Quem sois vós? Sombras errantes...

Vejo-as na luz do sol amanhecendo,  
Na candura da fronte adolescente . . .  
Vejo-as passar no ar saudosamente . . .  
Quem sois vós? Quem sois vós? Sombras errantes...

Vejo-as bailar nos doidos borborinhos . . .  
Vejo-as pairar no vôo dos passarinhos . . .  
Manchar a terra branca dos caminhos . . .  
Quem sois vós? Quem sois vós? Sombras errantes . . .

Vejo-as passar além dos horizontes . . .  
Errar, á luz do luar, em êrmos montes . . .  
Ouço-as cantar no escuro, ao pé das fontes . . .  
Quem sois vós? Quem sois vós? Sombras errantes . . .

Vejo-as pairar na frente que medita . . .  
Vejo-as arder na chama que crepita . . .  
Ouço-as rezar na tempestade afflicta . . .  
Quem sois vós? Quem sois vós? Sombras errantes . . .

Vejo sombras nos astros perpassar . . .  
Vejo-as correr na luz do teu olhar . . .  
Ouço-as em teus sorrisos murmurar . . .  
Quem sois vós? Quem sois vós? Sombras errantes . . .

Vejo vagas presenças misteriosas . . .

Repentinas imagens fabulosas . . .

Almas de Deus passando pelas cousas . . .

Almas de Deus, espiritos errantes . . .



## A MINHA ALMA

Ao ver sorrir o sol  
No berço pequenino,  
Que a Aurora sempiterna  
Em sonhos embalou,  
Hei saudades de mim,  
De outro que fui, — menino  
Que uma vez disse adeus  
E nunca mais voltou . . .  
Se recordo o Passado  
Em nevoas já desfeito,  
Alguem que me faz pena,

Em mim, soluça e chora . . .  
Eu que já fui feliz,  
Alegre e satisfeito,  
Quasi me não conheço  
E sinto-me outro, agora!  
Tudo é incerto e vário  
E tudo se transforma . . .  
Tudo segue na vida  
Um misterioso rûmo . . .  
O mais belo perfil  
É apenas uma forma  
De nevoa, ao vento, ao sol:  
Mixto de sonho e fumo!  
Não ha dia, meu Deus,  
Sem trevas que alvoreça!  
Quem pode surpreender  
O corpo d'uma flôr?  
Tudo vae atravez  
Do tempo tão depressa,  
Que só vemos de tudo  
Apenas um fulgôr!  
Mas invoquei teu nome,  
Aqui, n'esta paisagem!  
E logo á minha infancia  
Alegre, regresssei . . .  
Pois tu és uma estrela

Aonde chega a imagem  
Do vulto de creança  
Em que eu outrora andei . . .  
Pois tu és para mim  
O que é para a avósinha  
A Santa do oratorio  
A quem, á noite, reza . . .  
Tu lembras o meu lar,  
Com azas de andorinha,  
Quando a tarde, no Azul,  
Põe nodoas de tristeza . . .  
Pois tu és para mim  
O que é n'um cemiterio,  
O branco luar que faz  
Os mortos reviver . . .  
Ah! tu és para mim  
O que é para um misterio  
Essa alma que o desvenda  
Á custa de soffrer!

Por ti, acordo e rezo  
E fico a meditar . . .  
E fizeste de mim  
O meu peor amigo.

A minha solidão  
Desejas-m'a roubar,  
Que sempre que estou só,  
Encontro-me contigo!  
Amo-te, como a terra  
Adora o mez de maio . . .  
Como adora um rochedo  
O musgo em flôr que o veste;  
Como a cruz d'um sepulcro  
O dôce e bom desmaio,  
Em que ela cáe, sentindo  
A sombra do cipreste . . .  
Amo-te, quando a tarde,  
Ao longe, se incendeia,  
E voltas para o Ocaso  
O teu perfil maguado . . .  
E do Marão se eleva  
A triste lua cheia:  
Lembrança que alumia  
A noite do Passado . . .  
Amo-te ainda mais,  
Rainha do meu Poema,  
Quando baixa o silencio  
Escuro sobre mim . . .  
E me aparece, em sonho,  
O grande diadêma

Que cerca de esplendor  
Teu rosto de marfim.  
Que eu só vejo de ti  
Um pálido clarão. . .  
Phantasma que me empece  
Em longes de segrêdo,  
Nas horas em que sinto  
A viva comoção  
Que faz chorar, ao luar,  
As sombras do arvorêdo.  
Mas, sem saber porque,  
De subito, me espanto!  
Misteriosa luz  
Todo o meu sêr trespassa . . .  
E pousa em meu ouvido  
Etérea voz de encanto,  
E o teu vulto de flôr  
É um zéfiro que passa . . .  
És tu, és tu, és tu!  
Eu sei que tu existes,  
Que o sol e o meu desejo  
Enfeitam tua fronte . . .  
Que os teus olhos, a rir,  
Beijam meus olhos tristes,  
Em cuja luz murmura  
A sombra do horizonte . . .

Olha . . . quando eu chorava,  
A sós, pelas herdades. . .  
Quando ia ver d'um alto  
O sol amanhecer . . .  
E rezava sósinho  
Ao toque das Trindades,  
É que eu sabia já  
Que tinhas de nascer!  
Eu fui o teu profeta.  
Anunciei-te a vida!  
O teu nome preguei,  
Bem antes de o ouvir. . .  
Era tão novo ainda,  
E est'alma entristecida  
Ouvia dentro em si  
Como um sentido a abrir. . .

Parti, fugi, depois,  
Por esse mundo fóra.  
Em lagrimas por mim  
Deixei a minha infancia. . .  
Em mim, a luz desmaia;  
Em mim, o riso chora. . .  
Sou nuvem a expirar

Nos braços da Distancia. . .  
Perseguido não sei  
Por que mau genio obscuro,  
Andei de terra em terra,  
Á chuva, ao sol, ao vento. . .  
Gosei, com amargôr,  
Esse prazer impuro  
Que por dentro macúla  
O nosso pensamento.  
Mas tu vieste, enfim. . .  
Ao mundo tu desceste,  
N'uma infinita luz  
Que tudo alumiou. . .  
Tu, que és alma sómente,  
Em corpo, me empeceste. . .  
Fôste viva e mortal  
Creatura, como eu sou.  
Em sitios de elegia,  
Á tarde, tão sósinhos,  
Descubro o teu perfil  
De etérea Virgem-Mãe. . .  
E nos teus olhos vão  
Bater os passarinhos,  
Julgando que ha mais céu  
Ainda para além. . .  
E a sombra do teu vulto

É uma ternura imensa  
Que se espalha através  
Das pobresinhas cousas. . .  
E ao divino luar  
Que dá tua presença,  
Sorriem no meu rôsto  
As lagrimas saudosas.

Tu és a minha vida  
Eterna. . . E quando scismo  
Nas estrelas, no sol,  
Nas formas da Natura,  
Fico-me contemplando  
As trevas d'um abysmo,  
Sobre o qual paira, a rir,  
A tua formosura. . .  
Porque ela para mim  
É Deus. . . se Deus existe  
Em tudo o que merece  
Um canto de louvor. . .  
Para amar eu nasci;  
Nasci para ser triste. . .  
E ao ver-te puz na face  
A máscara do Amôr.

Vestido de anciedade,  
Em febre de delirio,  
Tentei tua beleza,  
A fim de ser amado!  
Mostrei-te a minha alma,  
Esse ermo e pobre lirio  
Ao vento, e pelas mãos  
Do inverno já tocado. . .  
N'este mundo, onde paira  
Um sonho misterioso  
E a saudade do sol,  
Á luz do sol, fluctua,  
Viste meu vulto,—espectro  
Errando ao luar saudoso  
Dos teus olhos azues,  
Mais altos do que a lua.  
E tentaste fugir. . .  
N'essa atitude, assim  
De despedida e adeus,  
Ficaste no meu sêr. . .  
N'esse altar infinito  
Erguido dentro em mim,  
Onde a minha tristeza  
É um cirio eterno a arder!



## CANÇÃO MONÓTONA

Monotonia . . .

Sempre a imagem das cousas que nos pésa . . .

As mesmas tintas vivas da Alegria,

O mesmo claro escuro da Tristeza . . .

Sempre no mesmo corpo a mesma doença: a vida!

Sempre a mesma elegia em silabas de magua . . .

Sempre o mesmo perfil de serra empedernida,

Onde o inverno, a chorar, desenha espectros de agua.

Nuvens de tédio abrindo a boca sobre o mundo...  
Uma noite perpetua, emudecida e calma ...  
Negro pégo de lagrimas profundo,  
Estagnação da Dôr em êrmos longes de alma ...  
A memoria em planicie esteril e deserta.  
Ouvir, de noite e dia, o chôro d'uma fonte ...  
Sempre a mesma janela eternamente aberta  
Sobre o mesmo horizonte ...  
Nos olhos sempre a mesma indefinida imagem ...  
Sempre a mesma roseira a florescer por mim ...  
Sempre o mesmo silencio em formas de paisagem;  
Ave sempre a cantar, dia de sol sem fim!  
Um perpetuo sorriso á flôr do mesmo rôsto ...  
N'um gélido cristal a mesma face absôrta ...  
Sob um eterno sol-pôsto,  
Eterna planicie morta ...  
Em sons de espuma e nevoa a eterna voz do Mar,  
A morrer, a viver nos areaes de além ...  
Um eterno sepulcro á luz de eterno luar ...  
A mesma vida, em nós, vivida por ninguem ...  
Constante calma, eterno mar parado ...  
Este intimo Alementejo em que se perde a gente...  
Em nosso proprio sêr, o Tempo desmaiado ...  
O mesmo, o mesmo, o mesmo, em nós, perpetuamente!

## CANÇÃO DAS TRISTES CREATURAS

Pobresinhas creaturas,  
Onde existe sempre acêza,  
Como n'um antro ás escuras,  
A Tristeza . . .

Tristes bichinhos nocturnos  
Passam a vida, coitados!  
N'esses buracos soturnos,  
Abafados!

Saudosa flôr esmaéce  
Na leira sequinha e êrma . . .  
Que deusa enfêrma  
Em ti, falece ?

E a borboleta viuva  
Que tem azas agoirentas,  
Nas tardas horas cinzentas  
De frio e chuva.

E as almas negras de penas,  
Sobre a terra que se molha . . .  
Que silencio! Ouve-se apenas  
Cair a folha . . .

E a voz do sapo, encoberta,  
Remota, espectral, sósinha,  
Na côr lilaz da noitinha  
Já deserta . . .

E o negro môcho . . .  
Voz longinqua, sempre aos ais;  
Voz do ceu nocturno e rôxo,  
Voz da lua e dos pinhaes. . .

Esse êrmo canto profundo  
Que se alumbra  
No silencio d'este mundo,  
Como um cirio na penumbra.

Fresca rosa abandonada . . .  
Ninguem a colhe! Ninguem!  
E a donzella desgraçada  
Que nasceu para ser mãe!

E esse velho que faz dô,  
Falto de siso, a cantar!  
Anda, de noite, ao luar,  
A falar só!

Almas velhas e saudosas,  
No mais tragico abandono,  
Que se confessam ás cousas,  
Pelo outomno ...

Pobresinhas creaturas,  
Onde existe sempre acêza,  
Como n'um antro ás escuras,  
A Tristeza! ...

## AS MINHAS HORAS

### I

Horas de duvida cruel e de tortura,  
Que se abraçam a mim, geladas, a tremer . . .  
E levam no seu vulto, impressa a tinta escura,  
A efigie dolorosa e humana do meu sêr . . .  
Instantes em que a Dôr, com brancas mãos de gêlo,  
Os pincaros esculpe, a flor e o nosso rôsto;  
E acende, na distancia enorme, o sete-estrelô:  
Sete risos mordendo universal Desgôsto!  
As noites de delirio e vento, clamorando . . .  
Ha vozes a cantar na treva em que me afundo!  
Azas tôrvas de côr, além das nuvens voando,  
Vão, pelo Azul sem fim, a acompanhar o mundo. . .

Quando este velho mundo em lagrimas parece  
O espectro de Satan a percorrer os céus,  
Ante o qual cada estrela é riso que escurece  
E se veste de negro a tua imagem Deus!

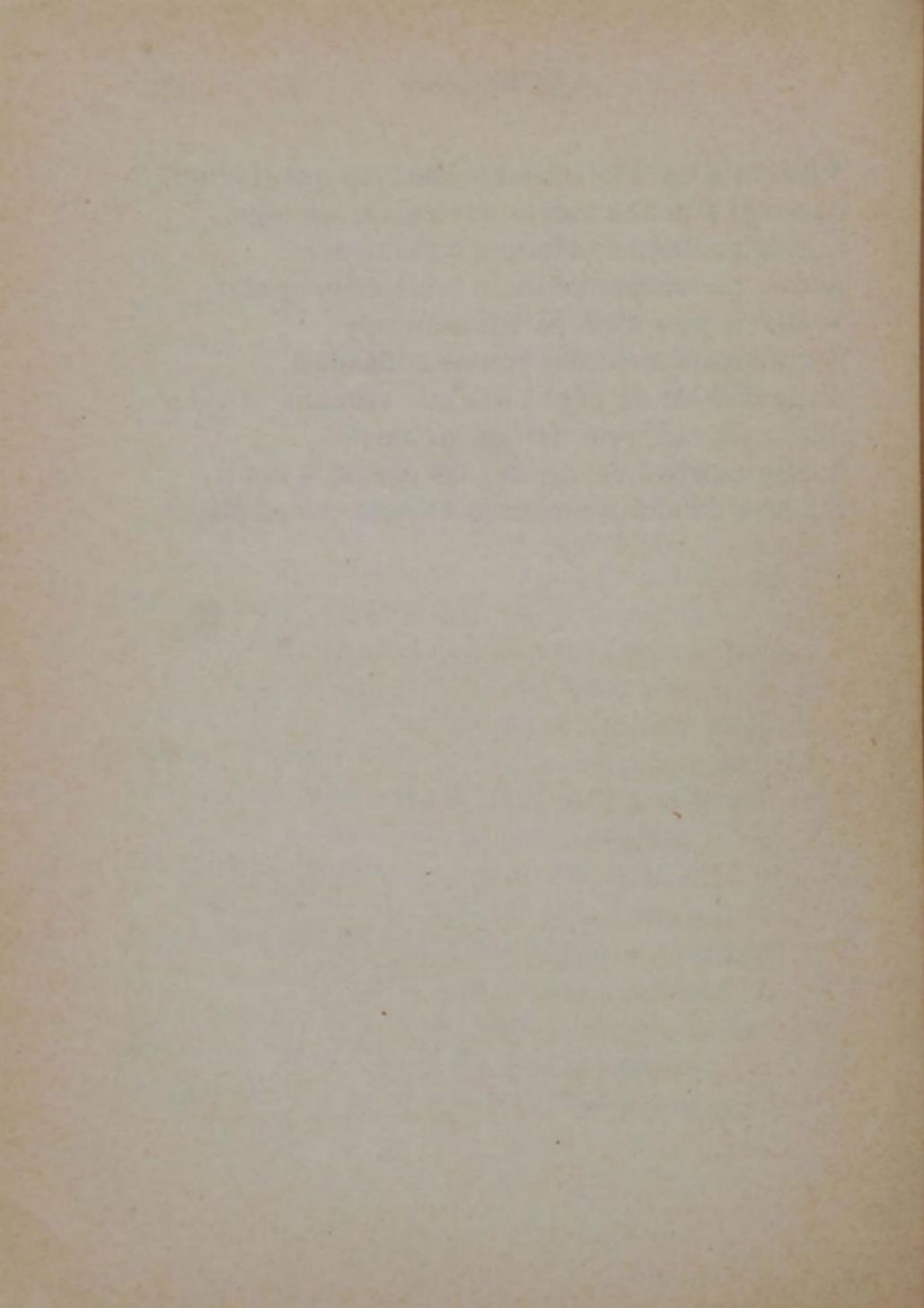
Horas em que o Passado, o êrmo, o solitario,  
Nos visita e nos fala em voz de cinza e poeira...  
Ei-lo surgindo além, mais alvo que um sudario,  
E como Hamlet traz, nas mãos, uma caveira...  
Horas em que nos pesa a velha e doida herança,  
O remorso velhinho em lucta contra nós...  
E sômos pequenina e livida creança,  
Entre espectros hostis de tragicos avós!  
Momentos de saudade eterna, quando tudo  
Volve para o meu rôsto um vago rôsto ausente...  
Quando em alma despida e coração desnudo,  
Eu ando ao vento frio e choro intimamente...  
E soffro, e me disperso em formas espectraes...  
Sou aparência vã da Dôr que me consome...  
Sou alguém que a si mesmo exclama: *nunca mais!*  
E subito se vê phantastico e sem nome...  
Dias mortos de inverno os ceus escurecendo...  
Erma terra ao luar, cadaver insepulto...  
Negra noite molhada e lúgubre, gemendo,  
Que em nosso coração parece tomar vulto.

Horas mortas de mortal melancolia,  
Isentas de prazer e dôr, de fome e sêde,  
Em que sou de mim proprio a máscara vazia,  
Meu retrato pintado a sombra na parede.  
Horas falsas de côr em frios sons de magua,  
Em que de tudo, tudo, assim nos desprendemos,  
Como a agua a deixar em nevoa a propria agua...  
E a dôr de não soffrer, a dôr maior, soffremos!  
Quando triste abandono as regiões divinas...  
Homem desencantado exposto ás tempestades,  
Sob a treva a cair d'um ceu todo em ruinas,  
Entre espectros, que horror! de mortas Divindades!  
Eis a lástima eterna! a humana voz sangrando,  
Sem um echo de amôr que ao longe a repercuta!  
Voz na noite profunda e fria supplicando!  
Sempiterna oração que nenhum Deus escuta!

Momentos de Aventura e sonhos sobrehumanos...  
Ó viagens no mar, á lua, ao sol nascente!  
E gostavam de ver meus olhos lusitanos  
Agua e ceu, agua e ceu indefinidamente!  
E desejei sentir os negros temporaes!  
N'um relampago, vêr o teu perfil, ó Morte!  
Ver as ondas bailar em doidas saturnaes,  
Ter por unico amparo a fragil mão da Sorte!...

Momentos em que eu quiz nas ruínas meditar ;  
N'esses templos de pedra e sombra, á luz da lua,  
Onde algum velho Deus, pobre phantasma a errar,  
Pára junto de nós, e é fria estatua nua . . .  
E sonhei vaguear, saudoso e solitario,  
Sob um luar nascido em montes da Judeia . . .  
Ver em sombra espectral o drama do Calvario  
E a representação phantastica da Ceia!  
Ver Martha, Salomé nas trevas da Paixão!  
E aos pés da cruz tombado o vulto de Maria. . .  
Ver á luz de nublosa e vaga invocação,  
O que viu Magdalena á clara luz do dia . . .  
Ser nómada! Viver errante! Que aventura  
N'esses desertos da Asia! Eu vejo dentro em mim,  
Planicies de aridez extensas de brancura;  
Ermos que a Sêde alonga em areas sem fim!  
E desejei perder-me entre as florestas virgens!  
Ser homem primitivo em lucta contra as feras!  
E cercado, a tremer, de pálidas vertigens,  
Meus olhos sepultar na bocca das crateras!  
O negro e doido encanto, em nós, a rir, a rir!  
Dir-se-ha que nos deslumbra estranha lavarêda!  
Que prazer não seria, ó meus irmãos, sentir  
N'um abysmo sem fundo uma perpetua queda!  
Momentos de loucura e de desvairamento,  
De grandes sensações que se apagavam logo!

Momentos em que fui mais louco do que o vento,  
Fazendo á minha vida o que ele faz ao fogo.  
O tragico destino! Horror! Fatalidade!  
Almas que andam de dia e noite embriagadas,  
Sensíveis para além da Sensibilidade  
E vivas para além das cousas animadas!  
Ai de nós! Ai de nós! Vêde que estranha sorte!  
Cair, cair, cair, sem descançar jamais. . .  
E esse espaço que vae do nascimento á morte,  
É a hora em que o profundo Abysmo contemplaes!



II

Horas em que eu medito e fico enternecido,  
Na branca solidão da noite misteriosa,  
Sob a lua a emanar etéreo mármore fluido,  
Que é um sepulcro evolado em sombra luminosa.  
Momentos em que anima os pobres versos meus  
Este intimo luar que me deslumbra e aquece,  
Quando rezo sósinho á hora a que anoitece  
E a luz do meu olhar quasi descobre Deus.  
Momentos em que vivo o sonho oculto e mudo  
Sonhado em cada cousa humilde, que se esconde,  
Quando vejo crescer, crescer, diante de tudo,  
Essa Interrogação a que ninguem responde!  
Momentos em que sou o incomprendido, o eleito,

Sentindo-me cair na tôrva escuridade . . .  
E toco a Imperfeição a fim de ser perfeito,  
Porque entender a treva é ser a claridade.  
E posso contemplar o Abysmo; vêr-lhe o fundo!  
E trémulo de mêdo, ébrio de horror e encanto,  
Offerto a Deus, á Dôr e aos astros o meu canto,  
Ao percorrer sósinho a noite d'este mundo . . .  
E vou cantando o luar e a terra pequenina,  
Em que a minha tristeza á luz do sol foi nada. . .  
E ouço aquela canção angelica e divina,  
Em notas de oiro, a voar á flôr da madrugada!  
Quando a Esperança inflora os arvoredos nus,  
E esconjura o phantasma em lagrimas do Inverno. . .  
E faz vibrar o ar em comoções de luz  
E atraz da dôr que foge, acende um riso eterno!  
E sou nuvem de sonho, ao vento que perpassa. . .  
A divina Pureza, a Luz original,  
A essencia da Alegria, o espirito da Graça  
E a presença da Dôr, sombria, já carnal. . .

Horas em que me exalto e elevo intimamente . . .  
Um astro em mim acorda e fica a scintilar . . .  
É lagrima de amor que eu vejo, de repente,  
Molhar a palidez da minha face, ao luar.

Horas em que eu medito a ouvir cantar as fontes...  
A dôr da agua aflora em mimos de verdura...  
Manhãs de abril doirando os pobresinhos montes,  
Esboçam o perfil divino da Ternura.  
Horas em que o meu sêr subindo além da Vida,  
Mostra a sua figura, ao longe, esplendorosa...  
Aqui, sobre esta terra, escura e dolorosa,  
E lá, cristal acêzo e pérola incendida!  
Horas em que a Verdade ás almas se revela...  
Horas de vida eterna e graça repentina,  
Quando ouço murmurar a mais longinqua estrela  
E o silencio em que desce ao mundo a voz divina.  
Horas em que o segredo antigo do Universo  
Começou a falar baixinho dentro em mim.  
Ó silabas de luz do meu primeiro verso,  
A desenharem Deus na indecisão sem fim!  
Horas em que uma fonte humilde que chorava,  
Deu formas de harmonia ao meu primeiro canto...  
Indeciso, a nascer de mim, em mim, soava,  
Cahotico de sombra e de nocturno espanto!  
Horas de extase e sonho em que me alegre e choro;  
E de mim se desprende este meu sêr afflicto!  
E ha Serafins bailando, ao som da Lira de ouro  
Que a gente vê brilhar, á noite, no Infinito...  
Horas vivas de luz, de graça e de esperança  
Que infloram, ao passar, as bordas dos caminhos...

E fico extasiado a ouvir, como em creança,  
A alegria do sol cantar nos passarinhos!  
Horas de oiro em que sou igreja alumiada...  
Intima aleluia etérea me deslumbra...  
Minh'alma acorda, ouvindo a voz da Madrugada  
E o seu perfil, lá fóra, alveja na penumbra!  
Horas que são irmãs da Hora derradeira,  
Em que a terra nos abre o seio todo em flôr.  
E alcançamos, enfim, presença verdadeira  
E sômos nós, enfim, diante do Senhor.

CANÇÃO HUMILDE

Brisa de abril  
Toda perfume,  
Etéreo Nume  
Comtigo vae!

Pedrinha humilde  
No chão perdida,  
Do sol ferida  
És uma estrela.

\*

Negra ramagem  
O ceu tocando,  
Vae-se pintando  
De azul celeste.

Gota de orvalho  
Tremeluzindo,  
Tens o sol rindo  
Dentro de ti!

Humildes cousas  
Que ninguem olha:  
Raminho ou folha  
Ou grão de areia,

Tendes o encanto  
Mais que divino  
Que o Deus Menino  
Achou na Terra . . .

## CANÇÃO ALEGRE

Últimas sombras falecem  
Nos recantos . . .  
E nas sebes dos caminhos  
Esvoaçam passarinhos;  
No Azul semeiam seus cantos  
Que florescem.

Toda a magua se dilue  
No riso do amanhecer,  
Quando se alegra em meu sêr  
O phantasma do que fui.

Ao surgir a luz do dia  
Na escura serra deserta,  
Em mim desperta  
E se extasia  
Um anjinho que morreu . . .  
Abre os olhos, para que eu  
Por eles contemple o mundo,  
Que se torna mais fecundo  
Em beleza transcendente  
E comoção . . .  
Mete-se em meu coração,  
Para que eu seja inocente  
E outra vez rescemnascida  
A minha vida!  
E já nos meus labios reza,  
Em novo som temperada,  
A minha voz outrora desbotada  
De tristeza. . .

Ah, decerto, existe em nós  
Avesinha matutina  
Que solta, cantando, a voz,  
Ao ver além  
Despontar a Luz divina  
Que os nossos olhos não vêem. . .

E essa canção revoando,  
Fica vibrando, echoando,  
Em todo o nosso corpo que se espanta  
E, sem querer, também canta !

Estranha cousa  
Eternamente,  
A alegria misteriosa  
Que em nós se faz, de repente !

A creatura é uma serra,  
Feita de nuvens e terra,  
D'onde nasce  
Muito sol que esconde a face  
E que invisível fulgura  
Sobre as cousas da Natura.

Ó alegria de divina origem !  
Vens d'além da Natureza !  
Vens do sorriso que a Virgem  
Envia á nossa tristeza . . .  
Vens no sol que doira os montes,  
Acender a voz das fontes,

Pintar as arvor's de flôres  
E de risos pintar as nossas dôres!

Ês a prece;  
A voz que sobe e amanhece  
Além dos ceus . . .  
Aurora de além aurora  
Que enxuga os olhos de Deus,  
Quando ele chora,  
Ao ver a nossa miseria,  
Onde a sua Luz etérea,  
Decaindo, se condensa  
N'uma sombra de presença;  
Sombra de sonhos futuros  
E de sonhos já perdidos;  
De desejos obscuros,  
Mal nascidos . . .  
Sombra morta de saudade,  
Sombra de eterna orfandade  
E de eterna viuvez . . .  
Sombra de tudo, talvez!

Por isso, eu te abençoô, pura alegria!  
E beijo o teu chimerico perfil,

Divino de esperança,  
Que tem uns olhos grandes de creança  
E mais flores e sol que o mez de abril...  
Tu bates para entrar ás nossas portas,  
Com dedos d'onde escorre a luz do dia.  
E tudo se deslumbra intimamente...  
E cantando, atravessas, de repente,  
A noite do meu sêr cheia de estrelas mortas.



## EM ORAÇÃO

As arvor's ensinaram-me a rezar,  
Quando n'elas murmura o zéfiro da tarde,  
E o clarão do sol-pôr é um cirio enorme que arde  
Tombado sobre o mar.

Ó arvore secular,  
Cheia de annos e perdões,  
Os teu ramos espalham orações  
E fazem cruzes no ar . . .

Ha mãos de nevoa erguidas na paisagem . . .  
Dôres rezadas a sonhar . . .  
O luar em perfil da tua imagem  
Reza, em segredo, ao luar . . .

Rezam Avé-Primaveras  
Os lírios a desmaiar . . .  
Fluctua na penumbra o canto das Esferas:  
É o murmúrio d'uns olhos a chorar . . .

Andam rezas sem destino,  
Pelo azul do Ar . . .  
Rezam perfumes de alma as rosas sobre o altar,  
Á Virgem Mãe que tem nos braços o Menino.

Ha rezas que são mêdos a voar,  
Em altos de Calvario onde ardem igneas cruzes . . .  
Ó ceu n'um chôro múrmuro de luzes,  
Com Anjos a cantar!

Pelas noites de inverno, quando chove  
E o silencio, lá fóra, é de gelar,  
Eu ouço, além de mim, phantasmas a rezar . . .  
São as minhas lembranças que Deus ouve!

Ó virgens espectraes, vestindo rôxos veus,  
Defuntas como sombras ao luar . . .  
Eu vejo-vos saudosas perpassar  
Nos longes da memoria e perto já de Deus!

Só vós, deante de Deus, sabeis rezar,  
Porque, ai de mim, nada sou . . .  
As pégadas que deixo, ao caminhar,  
Falam d'um vago espectro que passou . . .

Sou alguem que se despenha  
No abysmo do seu doido imaginar!  
Sou esse fumo de ilusão, no ar,  
Em que a sombra das Horas se desenha.

Ando sósinho e triste a divagar,  
Em distancias chimericas perdido!  
Eu sou a imagem morta, em livido luar,  
De alguém que em vez de mim devia ter nascido. . .

Ai, vinde-me salvar, recordações de outrora!  
Ai, vinde-me salvar!  
Rezae o meu sol-pôr, será, de novo, aurora!  
Rezar, cantar, o que é senão resuscitar?

Minha sombra rezae! Dae-lhe alma revelada,  
Para que n'ela eu possa, enfim, viver, cantar!  
E possa em livre espirito alcançar  
A vida que é por Deus eternisada . . .

## DÔR ETÉREA

A dôr espiritual,  
A etérea dôr sagrada . . .  
Virgem que enxuga os pés  
Sangrentos do Senhor . . .  
Noite santa que vem,  
Rezando, constelada,  
Curar com mãos de sombra  
As chagas do sol-pôr.

A dôr que em nós acende  
Um intimo luar . . .

Dôr soffrida que lembra  
A sombra irreal da Cruz . . .  
A magua que se vê  
No orvalho scintilar ;  
Frios suores da noite  
A braços com a luz.

A dôr que nos embala  
Em sonhos de segredo,  
E em nosso coração  
Reza por nós, baixinho . . .  
A dôr piedosa, a dôr  
Que nos magôa a mêdo . . .  
Dôr que ás lagrimas diz :  
Tombae devagarinho . . .

A dôr que veste e anima  
Os ermos pinheiraes,  
Tão lividos da lua  
E do cantar do môcho.  
A dôr que traz consigo  
Os dias outomnaes  
E sobre nós desfolha,  
Á tarde, um lirio rôxo . . .

A dôr que é a própria essencia  
Occulta da Alegria;  
Delicadeza de alma  
E resplendor etéreo . . .  
Que entorna no silencio  
As tintas da harmonia,  
E rasga o veu que esconde  
A imagem do Misterio.

A dôr, presentimento  
Obscuro de outra vida . . .  
Recondito palpite  
A murmurar, em nós,  
Confidencias de Deus  
Em lingua nunca ouvida  
E que parece ser  
A nossa propria voz . . .

A dôr que nos eleva  
Ao misterioso Além . . .  
A divina materia  
Astral d'uma oração . . .

A dôr que tem presença  
E vida . . . a dôr — alguém ;  
Sombra de Deus, talvez,  
Em nosso coração . . .

A dôr em que se vê,  
De subito, raiar  
O cantico primeiro  
Ao sol dos passarinhos,  
Quando faz sêde ouvir  
As fontes murmurar  
E o êrmo ensombra ainda  
O branco dos caminhos.

Aquela dôr cantando,  
Em longes de anciedade,  
Um cantico divino  
A alumiar os ceus . . .  
Dôr acêza emanando  
Eterna claridade  
E que é o mundo a subir,  
Liberto, para Deus.

A Virgem Mãe da Dôr  
Que beija as outras dôres  
E as embala no seio,  
A fim de adormecê-las . . .  
A dôr, penumbra azul  
Crivada de esplendôres ;  
Dôr — silencio caindo,  
Á noite, das estrelas.

Dôr emigrada em mim,  
Falando ás êrmas cousas  
Que estremecem, vivendo,  
Ás horas do sol-pôsto . . .  
E são almas de Deus  
A rir, misteriosas,  
Nas lagrimas que vêm  
Molhar meu frio rôsto . . .

Almas, noivas de Deus ;  
Creaturas de outra vida,  
Que passam a chorar  
Na sombra entardecente . . .

E enfeitam-lhes a fronte,  
Em sonhos esculpida,  
As pétalas do sol  
Tombadas no poente.

A dôr, vulto espectral  
Do Poeta solitario ...  
O negro luar que exala  
Um corpo todo afflicto ...  
O suor de quem sobe  
As fragas dum Calvario ...  
Sombra humana arrastando  
O pêso do Infinito ...

A dôr que é alma eterna  
E triste da Natura,  
E aos poetas inspira  
O canto mais profundo ...  
A dôr que surge em nós  
Divina de ternura,  
E dá novo sentido  
Espiritual ao mundo ...

## CANÇÃO FUNEBRE

Que misterioso recorte  
Esse da nossa figura,  
Na alegria ou na amargura,  
Mas sobre tudo na morte!

Ó velhinho remorso que descança  
Nos braços também mortos do Peccado . . .  
Ó formas esquecidas da Lembrança,  
Tombada cruz . . .  
Sinistra flor depois que emurcheceu!  
Cirio que outrora alumiou Jesus,

Vêde-o em feições humanas apagado! . . .  
Cêra inerte de máscara vazia,  
Contente de phantastica alegria  
Que é o sorriso da Dôr que adormeceu.

Ó máscara morta! Ó gélida presença,  
Nas tuas êrmas formas se condensa  
O silencio outomnal e pálido das árvores,  
O silencio em relêvo e lividez dos marmores,  
E o silencio divino e mais profundo  
Em que as estrelas brilham sobre o mundo . . .

Todos os êrmos vultos da noitinha  
Na terra pobresinha,  
Onde a Humildade se extasia em flôr,  
São como esbôços infantis da Dôr.  
Mas, ai, o nosso rosto,  
A terra mais trilhada e mais cavada,  
De mais constantes lagrimas regada,  
É a estatua já perfeita do Desgôsto!  
D'esse antigo Desgosto misterioso  
Que de estrelas orvalha a escuridade  
E em nosso olhar é sombra de saudade,

Tão melindrosa e fragil, a sorrir!  
E em nosso coração é lírio a abrir  
Em pétalas de lágrimas, saudoso . . .  
A dolorida Graça,  
O Encanto que é divino porque passa  
E no esplendor celeste que ele encerra,  
É mácula de terra . . .

Pobre e humano perfil que se apagou!  
Amarelas feições que arrefeceram . . .  
Barro engeitando as formas que lhe deram,  
Ninho que uma ave eterna abandonou!

Ó máscara de terra e palidez!  
Relêvo humano em luar e solidão . . .  
Olhos postos na noite do Infinito.  
Bocca estagnada em fúnebre mudez;  
Outrora, n'um sorriso em oração  
E acêza no relampago d'um grito!

Ó Dôr em branca estatua glacial!  
Olhos extintos! Labios já sem voz!  
Ó infinita lagrima final,

À rôxa luz dos cirios scintilando  
Velhas recordações . . .  
Velhas heranças, lividas feições,  
Perante a nossa morte despertando  
E escondidas, outrora, dentro em nós!  
São vultos d'esse Espectro que em nós ama  
E em nós deseja e quer . . .  
E de tão longe e tão mudado vem,  
Que é presença ilusoria de ninguém,  
Sombras primordiaes do nosso sêr . . .

N'um rôsto,  
Em lucta contra a Morte succumbido,  
Ha o ar de mais alguém que foi vencido . . .  
Eis porque n'ele paira um tragico desgosto,  
Em gélicos, phantasticos aspectos,  
Que parece animar-lhe a palidez funérea . . .

Ó Palidez, amante de esqueletos!  
Deusa outomnal tão séria!  
Imagem que, na sombra, o luar descreve,  
Indefinida e vaga de apparencia . . .  
Vulto de gaze em fria transparencia,  
Fino perfil imaterial de neve . . .

A clara palidez que se congela  
Sobre o riso perpetuo, a eterna estrela;  
O riso da caveira  
Que desponta da carne a desfazer-se em poeira...  
É o riso da noss'alma empedernida,  
Liberta, enfim, da Vida!

Que misterioso recorte,  
Esse da nossa figura,  
Na alegria ou na amargura,  
Mas sobre tudo na morte!



## ARIA DA MORTE

A aria da Morte vou cantando  
Melancolicamente,  
Quando, de noite, assopra o vento clamorando,  
E um mêdo que anda no ar persegue a gente...  
Quando sombras e phantasmas  
Nos cemiterios vagam ás escuras...  
E a podridão exala miasmas  
E fogos que incendeiam sepulturas...  
Quando os êrmos pobresinhos,  
Trespassados de frio, a tiritar,  
Vão por negros e lúgubres caminhos,  
Erguendo as mãos nas trevas, a rezar!

Quando nas espectraes encruzilhadas  
Bailam Bruxas, Demonios coruscantes,  
A rir ás gargalhadas,  
Que gelam de pavôr nocturnos viandantes!  
Quando nos arvoredos choram *luzes*;  
Almas que, em vida mísera, roubaram . . .  
E gritam, nos caminhos onde ha cruces,  
Os phantasmas de quem ali assassinaram!  
Quando nos pinheiraes  
De horror tranzidos,  
Passam tropeis aéreos de ruidos,  
Turba multa de sombras a dar ais . . .  
Quando os raios das negras tempestades  
Rasgam as grossas nuvens cheias de agua . . .  
Quando o silencio vem reverdecer saudades  
E sobre o mundo o luar é um veu de sêda e magua.

Ó donzelas, sou a morte!  
Vinde comigo bailar,  
Sob a estrelinha do norte,  
Aonde vos quero levar!

O mêdo, o outomno, o luar,  
Dançam comigo, ás vezes,

Nas noites dos frios mezes  
Que dão ais de arripiar! . . .

Vinde aos meus braços, donzelas!  
Só eu, destino horrível, sei amar!  
Os meus beijos são estrelas  
De queimar!  
É pedra meu coração  
De tanto amar!  
Meus labios são de pedra a rir escuridão;  
Meus olhos, dois buracos a espreitar . . .

Eu quero tanto ás almas, que as consumo!  
Ai de mim! Ai de mim! O corpo que eu beijar  
É logo nódoa de fumo,  
Vago phantasma a voar!

O meu desejo é sombra que devora;  
Perfil de lua nova, em aço, a lampejar . . .  
Nem todo o sangue da Aurora  
É capaz de o saciar!

Vinde a mim! Vinde a mim! Oh, que loucura!  
Tenho sêde de vós, donzelas; quero amar!  
Vinde sentir a tragica ternura,  
D'estes braços de pedra tumular!  
Vinde n'eles delirar,  
Gosar o doido spasmo da agonia!  
O suprêmo prazer a arder, a crepitar,  
Até vos converter em cinza fria!

Deixae os outros amôres.  
Quero ser o vosso par . . .  
E no meu leito de flôres,  
Ó raparigas, vinde-vos deitar!

Ó *rosas* que o mez de maio  
Espalha, com relampagos, no ar!  
*Cravos* de fogo a abrir, as *dhalias* n'um desmaio;  
*Violetas* que, de noite, os mortos vão cheirar!  
E as *perpetuas* sequinhas de nascença,  
Nas jarras d'um altar . . .  
*Camelias* onde a neve se condensa,  
Tão alvas que as macúla o nosso olhar . . .  
E os *goivos*, como cirios, a alumiar

O eterno Esquecimento !  
Ó flôres que nasceis á sombra tumular,  
E ao cair a tarde perfumaes o vento !  
*Bem-me-queres*, estrelas que dão luz...  
*Assucenas* da Virgem a rezar ;  
*Martirios* descrevendo a morte de Jesus,  
*Lirios* benzendo a terra, alvos de neve, ao luar...

Ó flôres, sou a morte em formas vaporosas,  
Caveira diluida em luz crepuscular...  
Meu esqueleto, em nuvens lacrimosas,  
Anda a voar, a voar...

Eu sou o outomno, ó flôres !  
Dou-vos beijos e abraços de matar !  
No tumulto do Ocaso iluminado a dôres,  
Ireis a sepultar...

Como phantasmas açoutados,  
As nuvens correm, a chorar...  
E já cresce, no espaço a delirar,  
A musica do inverno em frios sons molhados...

Que phantastica cinza no ar ascende...  
Passam tochas a arder na luz crepuscular.  
E tudo de si proprio se desprende...  
É o desamor, o frio a descasar...

Que vento de gelar,  
O pobre terra escura, te entorpece!  
Tragica Esphinge, em ancias, a expirar  
Nos braços do silencio em que ela nos empece!  
Muda, surgiste á luz da madrugada  
E á luz do nosso olhar...  
E no mesmo silencio amortalhada,  
A noite sempiterna has-de baixar!

A noite ahi vem, trilhando o Azul sombrio...  
Ai, não tarda a nevar...  
Eu sou o Outomno, a Sombra, o eterno Frio  
E tudo a minha fouce vae ceifar...

Ó alegres passarinhos  
Doidos de sol, a voar!  
Ou pousados em trémulos raminhos  
Que vergam de ternura, sem quebrar...

Mas de que estranha alegria  
É feito o vosso cantar,  
Que dá mais luz ainda á luz do dia  
E nova tinta azul espalha pelo ar . . .  
Alminhas que a bela Aurora  
Tanto gosta de alumiar,  
E de que Deus se enamora,  
Quando, em abril, levanta a pedra tumular . . .

Fugi, fugi de mim! Tudo de mim tem medo!  
Sou ave de rapina a crocitar!  
Á minha voz congela a sombra do arvoredo;  
Tomba em flocos de neve o chôro do luar . . .

Fugi, fugi de mim!  
Voae! voae! voae! Ide pousar  
Nos astros, ninhos de oiro em mistico Jardim,  
Onde a luz, vossa irmã, veste azas para voar!

Ó Poetas que viveis n'uma afflicção!  
N'uma loucura de alma a interrogar  
A divina e terrivel Creação  
Que, em abysmo sem fundo, é lagrima a tombar!

Vós que sois uma noite iluminada  
D'um intimo luar . . .  
E ás almas daes a forma consagrada,  
Em que elas vão, enfim, sentir, viver, sonhar !

Interpretes de Deus, Poetas no mundo, a errar . . .  
Figurações carnaes do misterioso Amôr . . .  
Vultos do Drama eterno, em êrmos, a cantar  
E as Pessôas santissimas da Dôr !

Vós todos que falaes comigo intimamente,  
E me trataes por tu em vosso conversar ;  
E vindes para mim sorrindo alegremente  
Vestir meus ossos nus de rosas de tocar !

Vós que fôstes o espectro da Desgraça,  
E o phantasma da Fome a uivar, de noite, a uivar!  
E a sombra do Trabalho a mendigar,  
Deitando uns olhos mortos a quem passa . . .

Vós que tendes no peito o abysmo do Infinito  
E a fundura do mar!  
E um pobre Deus afflicto,  
Seu proprio santo nome a blasfemar!

Vós todos que viveis n'um grande mêdo,  
N'uma alucinação de arrepiar,  
Em que ha môchos cantando em fúnebre arvoredos,  
Tardes mortas de outomno e sinos a dobrar!

Figuras que passaes, chorando, á luz do céu,  
Vultos do Acaso, a errar . . .  
Sou o somno em que Deus contente adormeceu,  
Cansado de crear . . .

Homens que a Dôr corôa de martirios  
Sobre um tragico altar . . .  
No meu leito de rosas, cravos, lirios,  
Môços e velhos, vinde-vos deitar!

## HORA FINAL

Ahi vem a noite... Sente-se crescer...  
E um silencio de estrelas aparece...  
Quem é, quem é, meu Deus, que empalidece  
E se cobre de cinzas, no meu sêr?  
Alma que se desprende n'uma prece...  
Que suave e divino entardecer!  
Como seria bom assim morrer...  
Morrer, como a paisagem desfalece.  
Morrer quasi a sorrir, devagarinho...  
Ser ainda do mundo pobresinho  
E já pairar, sonhando, além dos céus...  
Morrer, cair nos braços da ternura;  
Morrer, fugir, enfim, á morte escura,  
Sêrmos, enfim, na eterna paz de Deus!

## INDICE

	Pag.
As duas Mariasinhas . . . . .	7
Canção Crepuscular. . . . .	9
Adeus! . . . . .	13
Elegia . . . . .	19
Canção triste . . . . .	23
Um dos meus dias . . . . .	33
A minha vida . . . . .	34
A uma fonte que secou . . . . .	35
Meu coração . . . . .	36
A minha historia. . . . .	37
Canção da minha sombra. . . . .	63
Velhinhas cousas . . . . .	65
Canção outomnal . . . . .	71
Paisagem do meu desterro . . . . .	75
Idilio . . . . .	79
Canção montanheza. . . . .	81
As cousas . . . . .	85

	Pag.
Canção molhada . . . . .	91
Canção tempestuosa . . . . .	93
Dos meus . . . . .	97
Canção do lusco-fusco . . . . .	103
A hora do Luar . . . . .	113
Canção luarenta . . . . .	117
Canção saudosa . . . . .	119
A estrela do Pastor . . . . .	123
Canção medrosa . . . . .	131
Quem sois vós? . . . . .	149
A minha alma. . . . .	153
Canção monótona . . . . .	163
Canção das tristes creaturas . . . . .	165
As minhas horas. . . . .	169
Canção humilde . . . . .	179
Canção alegre. . . . .	181
Em oração . . . . .	187
Dôr etérea . . . . .	191
Canção funebre . . . . .	197
Aria da morte. . . . .	203
Hora final . . . . .	212

ACABOU DE SE IMPRIMIR  
NA TIPOGRAFIA DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»,  
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178.  
AOS 13 DE DEZEMBRO DE 1917.  
PORTO



